



GUIA DE IDENTIFICAÇÃO DE PEIXES DO **ESTUÁRIO DOS RIOS TIMONHA E UBATUBA**

2015

FILIPE AUGUSTO GONÇALVES DE MELO
ERONICA ARAÚJO DUTRA
JOELSON QUEIROZ VIANA
TALITA MAGALHÃES ARAÚJO
ANA SARA FERREIRA DE SOUZA
ISAAC DOS SANTOS MOURA



FOTO: CHICO RASTA

PROJETO PESCA SOLIDÁRIA

GUIA DE IDENTIFICAÇÃO DOS PEIXES DO ESTUÁRIO DOS RIOS TIMONHA E UBATUBA

Filipe Augusto Gonçalves de Melo¹

Erônica Araújo Dutra²

Joelson Queiroz Viana²

Talita Magalhães Araújo²

Ana Sara Ferreira de Souza²

Isaac dos Santos Moura²

1- Professor Adjunto da Universidade Estadual do Piauí,
responsável pela parte de identificação, taxonomia e
sistemática dos peixes estuarinos, editor e organizador.

2 - Alunos do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UESPI,
Campus Parnaíba e estagiários do projeto Pesca Solidária.

Parnaíba, PI
2015

Copyright 2015 by Filipe Augusto Gonçalves de Melo

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Christiane Maria Montenegro Sá Lins CRB/3 - 952

P964

Projeto Pesca Solidária: guia de identificação dos peixes do estuário dos rios
Timonha e Ubatuba/ Filipe Augusto Gonçalves de Melo [et al.] – Parnaíba:
Sieart, 2015.

100 p.: Il; col.

ISBN: 978-85-60146-70-3

1. Ictiologia. 2. Estuário. 3. Pesca. 4. Zoologia. I. MELO, Filipe Augusto Gonçalves
de. II. DUTRA, Erônica Araújo. III. VIANA, Joelson Queiroz. IV. ARAÚJO, Talita
Magalhães. V. SOUZA, Ana Sara Ferreira de. VI. MOURA, Isaac dos Santos.
VII. Título.

CDD 597

**PROJETO PESCA SOLIDÁRIA
PATROCINADO PELA PETROBRAS,
POR MEIO DO PROGRAMA PETROBRAS SOCIOAMBIENTAL”.**

**INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES
E
PARCEIRAS**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
COMISSÃO ILHA ATIVA
EMBRAPA MEIO NORTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
ICMBIO - APA Delta do Parnaíba
INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ
AQUASIS

Comissão Ilha Ativa - CIA

Presidente

Leandro Inakake de Souza

Vice-presidente

Liliana Oliveira Souza

Secretária

Kesley Paiva da Silva

Sub-secretária

Daniele Alves Lopes

Tesoureiro

Mario Lucio de Moraes Damasceneo

Sub-tesoureiro

Alan Elias Silva

Conselho Fiscal

Francinalda Maria Rodrigues da Rocha

Flávio Luiz Simões Creso

Adilson Silva de Castro

Luciano Silva Galeno

Ana Maria Brandão de Oliveira

Maria Antônia de Oliveira Santos

Endereços

Sede: Rua Benedito dos Santos Lima - São Benedito

Parnaíba - PI - CEP: 64.202-245

www.comissaoilhaativa.org.br

Contatos

cia@comissaoilhaativa.org.br

Dedicatória:

À memória

de

Gustavo Wilson Alves Nunan,

grande conhecedor

e

entusiasta

dos

peixes marinhos

AGRADECIMENTOS

O organizador agradece:

A minha amada esposa, Cristiane, por seu estímulo, apoio e sugestões valiosas.

Aos pescadores de Cajueiro da Praia e Chaval, seus familiares e suas Colônias de Pescadores, em especial ao Sr. Lucimar e sua família, pela enorme paciência, pela receptividade, atenção e solicitude em relação aos nossos pedidos. Agradecemos a eles também por suas verdadeiras aulas de biologia e taxonomia de peixes marinhos

A profa. Rosineide Candeas de Araújo, diretora do Campus da UESPI de Parnaíba, por ter disponibilizado espaço para armazenamento dos peixes dessa coleção de referência do estuário dos rios Timonha e Ubatuba e por ter entendido a importância e significado dessa coleção.

Aos autores, alunos da UESPI de Parnaíba, que assumiram o compromisso do retorno à sociedade dos estudos realizados nessa casa.

Ao colega Prof. Dr. Antônio Hosmylton Carvalho Ferreira pela revisão cuidadosa.

À Universidade Estadual do Piauí, em especial aos colegas do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas por terem permitido este trabalho e pelo incentivo.

A Alfredo Carvalho Filho pela ajuda em relação a identificação de algumas espécies e informações sobre as mesmas.

Às instituições de apoio financeiro e logístico: CIA e PETROBRAS por terem concedidos bolsas de estudo para Ana Sara Ferreira de Souza e Joelson Queiroz Viana e recursos que permitiram esse estudo.

A Francisco Brandão Júnior por seu interesse, apoio em relação a elaboração desse manual e paciência principalmente nos momentos finais.

Ao grupo de estudos em ictiofauna, profs. Dr. César Fernandez, Dra. Edna Carvalho Pereira e Dra Alitiene Pereira pelo apoio, sugestões e troca de ideias ao longo dessa jornada. Bem como ao amigo e assistente da Embrapa da Embrapa, senhor Francisco Diassis Coelho da Silva.

Sumário

INTRODUÇÃO	Pág. 09	ORDEM BATRACHOIDIFORMES	Pág. 29
METODOLOGIA	Pág. 10	Família BATRACHOIDIDAE	
Termos técnicos e medidas	Pág. 12	<i>Batrachoides surinamensis</i> (Bloch & Schneider, 1801)	
		Pág. 30
ORDEM ELOPIFORMES	Pág. 13	ORDEM LOPHIIFORMES	Pág. 31
Família ELOPIDAE		Família Ogcocephalidae	
<i>Elops saurus</i> Linnaeus, 1766.....	Pág. 14	<i>Ogcocephalus vespertilio</i> (Linnaeus, 1758).....	Pág. 32
		ORDEM MUGILIFORMES	Pág. 33
Família MEGALOPIDAE		Família MUGILIDAE	
<i>Megalops atlanticus</i> Valenciennes, 1874.....	Pág. 15	<i>Mugil curema</i> (Valenciennes, 1836).....	Pág. 34
ORDEM ALBULIFORMES	Pág. 16	ORDEM ATHERINIFORMES	Pág. 35
Família ALBULIDAE		Família ATHERINOPSIDAE	
<i>Albula vulpes</i> (Linnaeus, 1758).....	Pág. 17	<i>Atherinella brasiliensis</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	
		Pág. 36
ORDEM CLUPEIFORMES	Pág. 18	ORDEM BELONIFORMES	Pág. 37
Família CLUPEIDAE		Família HEMIRAMPHIDAE	
<i>Opisthonema oglinum</i> (Lesueur, 1818).....	Pág. 19	<i>Hemiramphus brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758).....	Pág. 38
<i>Harengula</i> sp.....	Pág. 20	ORDEM SCORPAENIFORMES	Pág. 39
		Família DACTYLOPTERIDAE	
Família ENGRAULIDAE		<i>Dactylopterus volitans</i> (Linnaeus, 1758).....	Pág. 40
<i>Lycengraullis batessi</i> (Günther, 1868).....	Pág. 21	ORDEM PERCIFORMES	Pág. 41
<i>Lycengraullis grossidens</i> (Agassiz, 1829).....	Pág. 22	Família CENTROPOMIDAE	
ORDEM SILURIFORMES	Pág. 23	<i>Centropomus undecimalis</i> (Bloch, 1792).....	Pág. 42
Família ARIIDAE		<i>Centropomus parallelus</i> Poey, 1860.....	Pág. 43
<i>Aspistor luniscutis</i> (Valenciennes, 1840).....	Pág. 24	Família SERRANIDAE	
<i>Bagre bagre</i> (Linnaeus, 1758).....	Pág. 25	<i>Alphestes afer</i> (Bloch, 1793).....	Pág. 44
<i>Cathorops spixii</i> (Agassiz, 1829).....	Pág. 26		
<i>Sciades herzbergii</i> (Bloch, 1794).....	Pág. 27		
<i>Sciades proops</i> (Valenciennes, 1840).....	Pág. 28		

Epinephelus adscensionis (Osbeck, 1771).....Pág. 45
Epinephelus morio (Valenciennes, 1828).....Pág. 46

Família PRIACANTHIDAE

Priacanthus arenatus Cuvier, 1829.....Pág. 47

Família CARANGIDAE

Carangoides crysos (Mitchill, 1815).....Pág. 48

Caranx hippos (Linnaeus, 1766).....Pág. 49

Chloroscombrus crysurus (Linnaeus, 1766)
.....Pág. 50

Oligoplites palometa (Cuvier, 1832).....Pág. 51

Oligoplites saurus (Bloch & Schneider, 1801)
.....Pág. 52

Selene browni (Cuvier, 1816).....Pág. 53

Selene vomer (Linnaeus, 1758).....Pág. 54

Trachinotus carolinus (Linnaeus, 1766).....Pág. 55

Trachinotus falcatus (Linnaeus, 1758).....Pág. 56

Família LUTJANIDAE

Lutjanus alexandrei Moura & Lideman 2007
.....Pág. 57

Lutjanus analis (Cuvier, 1828).....Pág. 58

Lutjanus jocu (Bloch & Schneider, 1801).....Pág. 59

Lutjanus synagris (Linnaeus, 1758).....Pág. 60

Ocyurus chrysurus (Bloch, 1791).....Pág. 61

Família LOBOTIDAE *Lobotes surinamensis* (Bloch, 1790)
.....Pág. 62

Família HAEMULIDAE

Anisotremus virginicus (Linnaeus, 1758).....Pág. 63

Eucinostonus Argenteus Baird e Girard, 1855.....Pág. 64

Diapterus Auratus Ranzani, 1840.....Pág. 65

Genyatremus luteus (Bloch, 1790).....Pág. 66

Haemulon plumieri (Lacepède, 1802).....Pág. 67

Haemulon parra (Desmarest, 1823).....Pág. 68

Orthopristis ruber (Cuvier, 1830).....Pág. 69

Pomadasys corvinaeformis (Steindachner, 1868)
.....Pág. 70

Família SPARIDAE

Archosargus probatocephalus (Walbaum, 1792)
.....Pág. 71

Archosargus rhomboidalis (Linnaeus, 1758)
.....Pág. 72

Calamus penna (Valenciennes, 1830).....Pág. 73

Família POLYNEMIDAE

Polydactylus virginicus (Linnaeus, 1758).....Pág. 74

Família SCIAENIDAE

Bairdiella ronchus (Cuvier, 1830).....Pág. 75

Cynoscion acoupa (Lacepède, 1801).....Pág. 76

Cynoscion leiarchus (Cuvier, 1830).....Pág. 77

Cynoscion microlepidotus (Cuvier, 1830).....Pág. 78

Isopisthus parvipinnis (Cuvier, 1830).....Pág. 79

Larimus breviceps Cuvier, 1830.....Pág. 80

Micropogonias furnieri (Desmarest, 1823).....Pág. 81

Menticirrhus americanus (Linnaeus, 1758).....Pág.82

Stellifer brasiliensis (Schultz, 1945).....Pág. 83

Família EPHIPPIDAE

Chaetodipterus faber (Broussonet, 1782)
.....Pág.84

Família SPHYRAENIDAE

Sphyraena barracuda (Walbaum, 1792).....Pág. 85

Família TRICHIURIDAE

Trichiurus lepturus (Linnaeus, 1758).....Pág. 86

Família SCOMBRIDAE

Scomberomorus brasiliensis Collete, Russo & Zavala, 1978
.....Pág. 87

Família STROMATEIDAE	
<i>Peprilus paru</i> Linnaeus, 1758.....	Pág. 88
ORDEM PLEURONECTIFORMES.....	Pág. 89
Família PARALICHTHYIDAE	
<i>Citharichthys spilopterus</i> (Gunther, 1862).....	Pág. 90
ORDEM TETRAODONTIFORMES.....	Pág. 91
Família DIODONTIDAE	
<i>Chilomycterus antillarum</i> (Jordan & Rutter, 1897)	
.....	Pág. 92
Família TETRAODONTIDAE	
<i>Lagocephalus laevigatus</i> (Linnaeus, 1766).....	Pág. 93
<i>Sphoeroides testudineus</i> (Linnaeus, 1758).....	Pág. 94
Outras Espécies Encontradas no Estuário.....	Pág. 95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	Pág. 97

“A Saúna é veiaca!”

Lucimar das tainhas
ao iniciar sua explicação
de como captura esses peixes.

INTRODUÇÃO

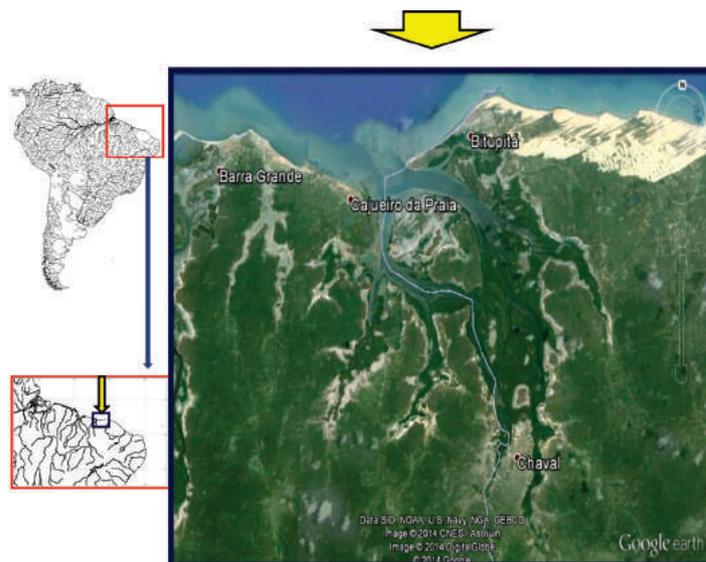


Figura 1. Localização do Estuário dos Rios Timonha e Ubatuba. Mapa Google Earth.

O sistema estuarino Timonha / Ubatuba está localizado na divisa dos Estados do Ceará e Piauí. Os rios Timonha e Ubatuba têm suas nascentes na Serra da Ibiapaba, cadeia montanhosa que acompanha as divisas entre os dois estados, e ao encontrarem o mar, recebem as águas de diversos rios e lagoas que terminam na Barra do Timonha (figura 1). É uma região estuarina que abriga uma das maiores áreas de mangue do nordeste brasileiro e oferece um importante berçário para a reprodução de inúmeros animais marinhos. Nesse complexo ecossistema habita uma fauna de peixes pouco estudada e que serve de sustento para muitos pescadores artesanais da região (Mai et al., 2012).

Poucos trabalhos tem se dedicado a explorar a diversidade da ictiofauna estuarina das regiões norte e nordeste do Brasil (Marceniuk et al., 2013). Esse livro tem por objetivo descrever parte da diversidade do pescado comercializada na região do estuário dos rios Timonha e Ubatuba. O presente trabalho apresenta os resultados parciais obtidos pelo projeto Pesca Solidária, sub-projeto "Identificação das Espécies Comerciais do Estuário dos rios Timonha e Ubatuba". Além de descrições das espécies de peixes da região, o trabalho apresenta fotos e dados sobre distribuição geográfica, habitat e biologia das espécies.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foram feitas amostragens no mercado público de Chaval, CE, no período de agosto de 2014 a agosto de 2015 (figura 2). Por igual período de tempo, peixes foram obtidos a partir de pescadores da região de Chaval e Cajueiro da Praia, PI. Também foram realizadas coletas com rede de arrasto nas margens do estuário em Cajueiro da Praia e Chaval (figuras 3 e 4). Todas as espécies encontradas foram fotografadas a fresco sempre que possível (figura 5). Espécimes capturados vivos foram eutanasiados com solução de Eugenol, óleo de cravo, logo após fixados em formalina a 10%, posteriormente conservados em álcool 70%. Licença de coleta foi expedida pelo MMA/ICMBIO número 43544-1.

Espécimes foram identificados com base em chaves dicotômicas, manuais de identificação, descrições originais e revisões taxonômicas (Carpenter, 2002; Espírito Santo et al., 2005; Figueiredo & Menezes, 1978; Lessa & Nóbrega, 2000; Menezes & Figueiredo, 1980; Marceniuk, 2005; Marceniuk & Menezes, 2007; Menezes & Figueiredo, 1985; Menezes & Figueiredo, 2000; Menezes et al., 2015; Moura & Lindeman, 2007; Nóbrega et al., 2010; Spilman, 2000).

A classificação seguida foi a de Nelson (2006) e Menezes et al., (2003).

Terminologia utilizada para descrições morfológicas das espécies foi a mesma utilizada por Bemvenuti & Fischer (2010).

As descrições das espécies resultam da análise dos exemplares obtidos em coleta, por



Figura 2. Equipe do projeto adquirindo peixes no mercado público de Chaval. Peixes vendidos nesse mercado são pescados no estuário.

meio de compra ou doação que estão agora tombados na Coleção Ictiológica da UESPI, Campus Parnaíba (UESPIPHB), além de pesquisa em diversas publicações. A descrição das famílias resulta da compilação de várias fontes bibliográficas.



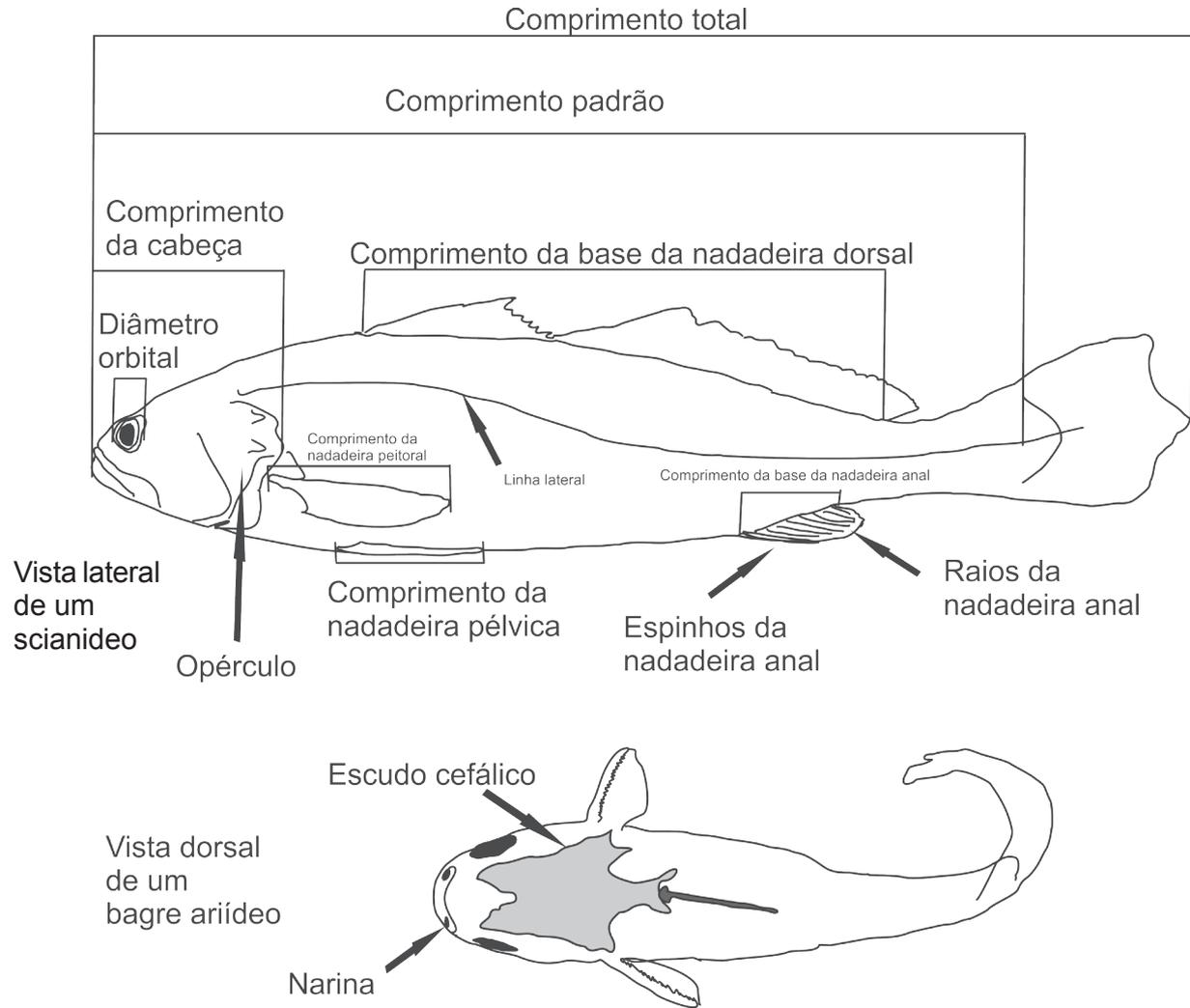
Figura 3.
Coleta com rede do tipo picaré, arrasto,
em Cajueiro da Praia, Porto do Itam.



Figura 4.
Coleta com rede do tipo picaré, arrasto,
no Porto dos Mosquitos em Chaval.

Figura 5.
Preparação para fotografia
dos peixes.

Termos técnicos e medidas



ORDEM ELOPIFORMES

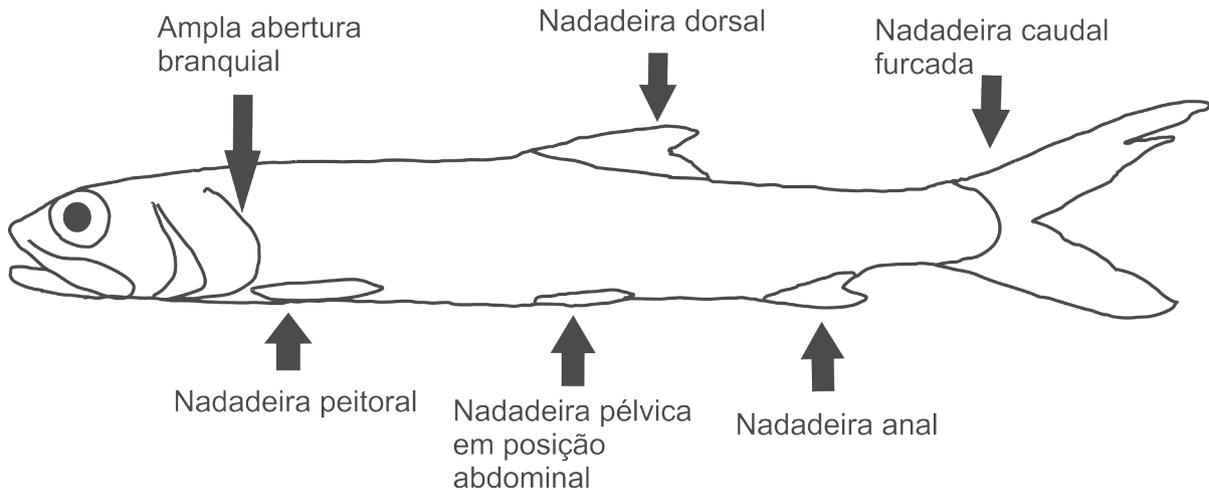
Peixes da ordem Elopiformes habitam oceanos tropicais e subtropicais. Nessa ordem estão incluídos os peixes popularmente conhecidos como mocinhas, ubaranas, tarpão e camurupim.

Apresentam coloração prateada, nadadeira pélvica em posição abdominal; corpo esguio, usualmente comprimido; aberturas branquiais amplas; nadadeira caudal furcada; escamas ciclóides; boca margeada por pré maxila e dentes maxilares;

maxila superior estendendo-se além do olho; ponta do focinho não sobrepondo a boca; nenhum canal sensorial estendendo-se até a pequena pré-maxila.

Membros da ordem Elopiformes apresentam um tipo de larva característica conhecida como Leptocephala.

Duas famílias de Elopiformes ocorrem no estuário dos rios Timonha e Ubatuba: Elopidae e Megalopidae.



ELOPIDAE

Elops saurus Linnaeus, 1766

Ubarana



Descrição. Corpo fusiforme e alongado; atinge cerca de 20 cm de comprimento total; boca grande, terminal com dentes pequenos; origem da nadadeira dorsal aproximadamente na metade do corpo; nadadeira anal curta situada entre a dorsal e caudal; nadadeira dorsal única; nadadeiras pélvicas abaixo à dorsal; nadadeira caudal furcada; escamas diminutas e numerosas; dorso levemente escuro, laterais e ventre prateados; nadadeiras hialinas e levemente amareladas.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1978).

Distribuição e habitat: Atlântico ocidental, de Cape Cod ao sudeste do Brasil. Habita águas costeiras. Material testemunho: UESPIPHB 532.

Biologia. Alimenta-se de peixes de pequeno porte e crustáceos. Juvenis alimentam-se de larvas de insetos.

Observação. Baixo valor comercial.

MEGALOPIDAE

Megalops atlânticus
(Valenciennes, 1846)

Camurupim

Descrição. Corpo fusiforme e lateralmente comprimido; boca grande e oblíqua; mandíbula projetada para frente; cor prateada, com o dorso escuro; nadadeiras pélvicas situadas adiante da dorsal; nadadeira dorsal única com 13-16 raios; último raio da dorsal prolongado em um filamento que se destaca; anal com 22-25 e linha lateral com 41-48 escamas; placa óssea alongada na região gular; nadadeira caudal furcada. Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1978).

Distribuição e habitat: Atlântico. No Atlântico ocidental é assinalada da Nova Escócia até a Argentina. Vive em águas costeiras, em geral salobras. Lote testemunho UESPIPHB 436.

Biologia. Alimenta-se de pequenos peixes e crustáceos. sobrevive em águas com pouco oxigênio dissolvido. Vem a superfície engolir ar periodicamente (respiração atmosférica). A bexiga natatória ligada a cavidade bucal é modificada para esse tipo de respiração.

Tamanho máximo encontrado. 39,5 cm.

Tamanho máximo na literatura consultada. 2,5 m.

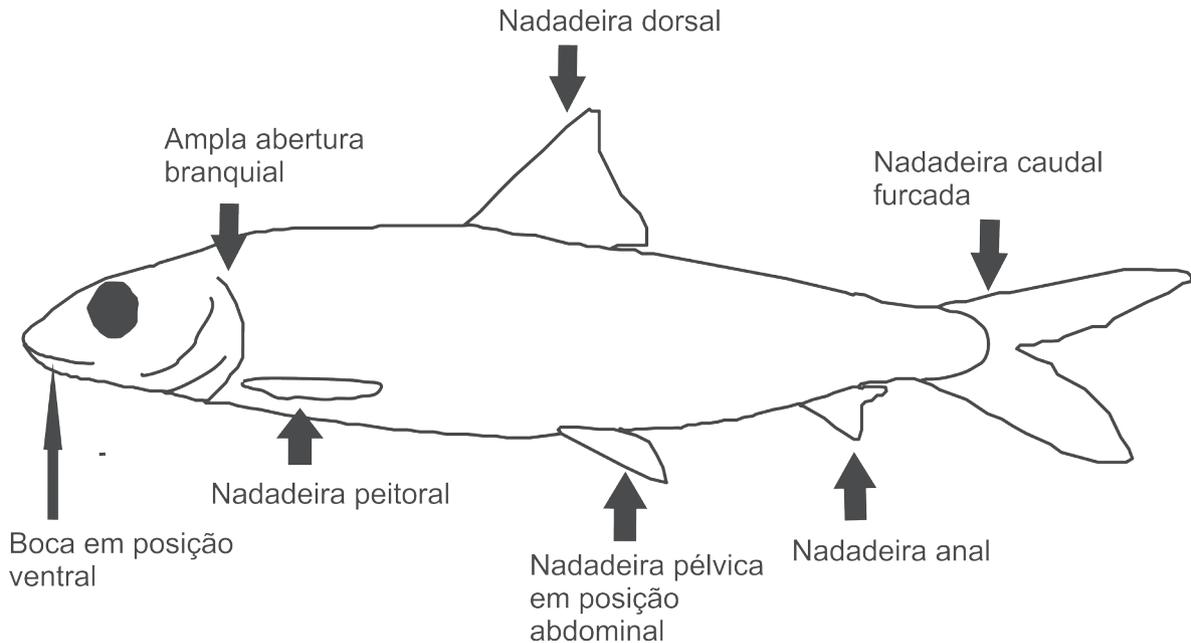
Observação. Espécie com média importância comercial. Considerada ameaçada pela International Union of Conservation of Nature (IUCN) Adams et al. (2012).

ORDEM ALBULIFORMES

A ordem Albuliformes é um grupo de peixes marinhos cosmopolitas que ocorre nos mares de todo mundo. São raros em ambientes estuarinos e de água doce.

No estuário dos rios Timonha e Ubatuba ocorre uma família de Albuliformes típica de mares tropicais: Albulidae.

Apresentam corpo roliço, coloração prateada; nadadeiras sem espinhos, peitorais em posição baixa, pélvicas se localizam posteriormente a base da nadadeira dorsal; aberturas branquiais amplas; nadadeira caudal furcada; escamas ciclóides; boca em posição ventral.



ALBULIDAE

Albula vulpes
(Linnaeus, 1758)

Ubarana-focinho-de-rato



Descrição. Corpo fusiforme e alongado; atinge cerca de 1 m de comprimento total; exemplar examinado tem 23 cm de comprimento; boca grande, ventral; origem da nadadeira dorsal aproximadamente na metade do corpo; nadadeira anal curta; nadadeira dorsal única; nadadeiras pélvicas abaixo e após à dorsal; nadadeira caudal bifurcada; escamas diminutas e numerosas; dorso levemente escuro, laterais e ventre prateados; nadadeiras hialinas e levemente amareladas.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1978).

Distribuição e habitat: Em todos mares quentes. Vive em águas rasas. Lote de referência: UESPIPHB 467.

Biologia. Alimenta-se de moluscos, camarões, caranguejos, outros invertebrados de e de peixes de pequeno porte.

Observação. Baixo valor comercial.

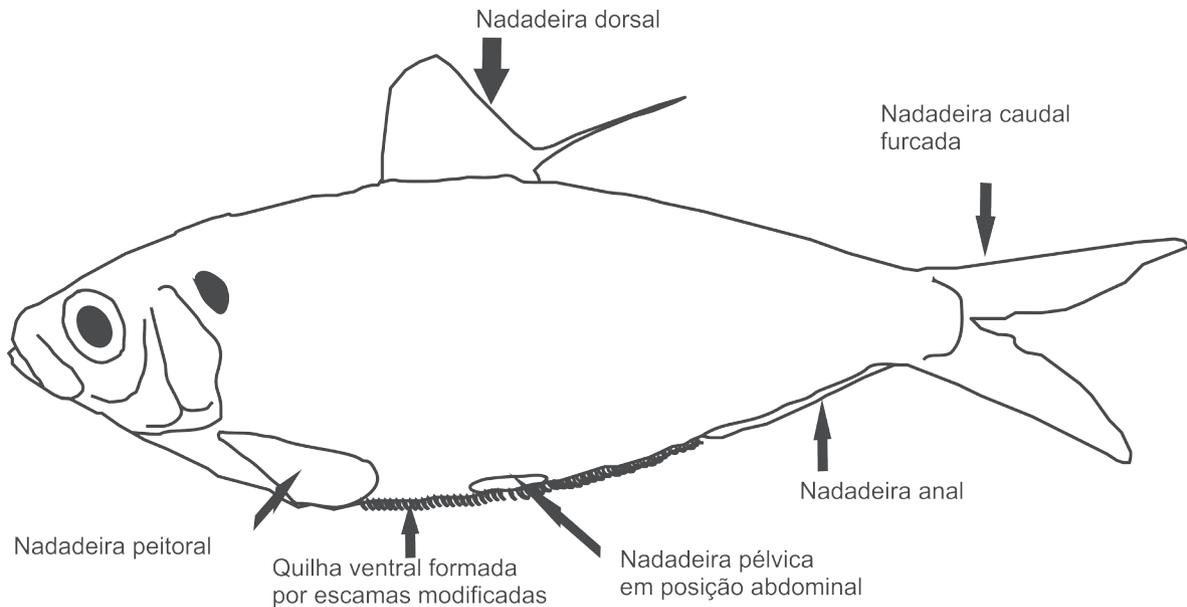
ORDEM CLUPEIFORMES

Clupeiformes compreendem as sardinhas, manjubas, anchovas, arenques e arengas. São peixes de pequeno porte, comprimidos lateralmente, prateados e com quilha mediada formada por escamas modificadas. Nadadeiras pélvicas, quando presentes, diminutas, posicionadas ventralmente abaixo da dorsal. Sem espinhos nas nadadeiras.

Muitas espécies de Clupeiformes são alimentadores de plâncton, com rastos branquiais longos e algumas vezes muito numerosos.

Este grupo é muito importante na pescaria comercial.

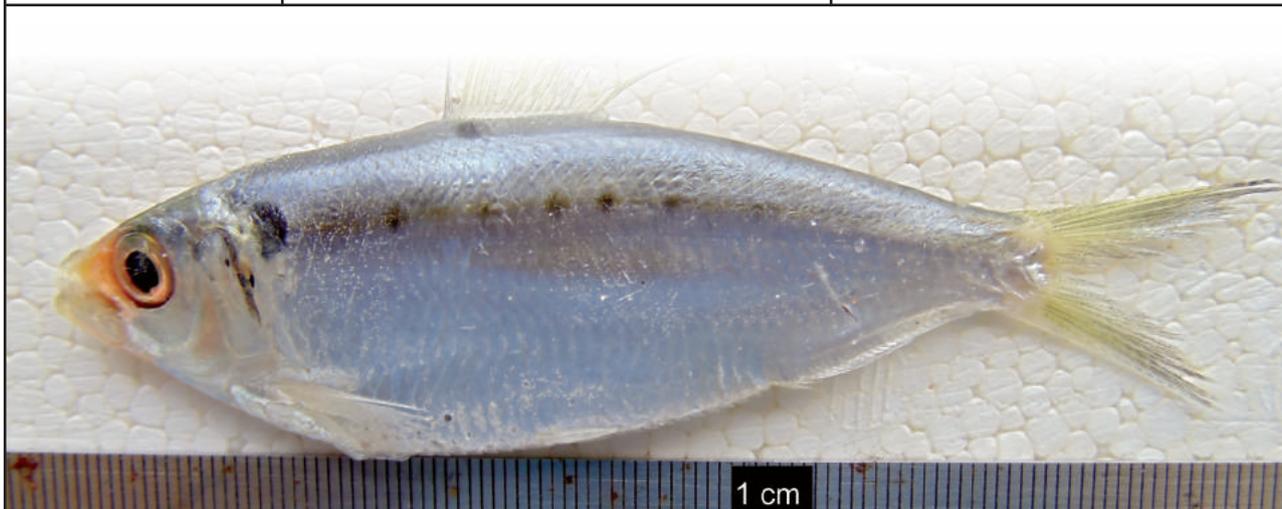
Foram identificadas cinco espécies de Clupeiformes pertencentes a duas famílias: Clupeidae e Engraulidae.



CLUPEIDAE

Opisthonema oglinum
(Lessueur, 1818)

Sardinha-bandeira



Descrição. Corpo fusiforme e lateralmente comprimido; atinge cerca de 10 cm de comprimento total. boca terminal; primeiro arco branquial com mais de 100 rastros branquiais curtos na parte inferior; origem da nadadeira dorsal aproximadamente na metade do corpo; nadadeiras pélvicas abaixo à dorsal; nadadeira anal com 21-26 raios; uma mancha negra arredondada na parte superior da margem da abertura branquial, seguidas de outras bem menores, alinhadas horizontalmente; último raio da nadadeira dorsal

prolongado; nadadeira caudal furcada com margens escurecidas; laterais e ventre prateados.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1978).

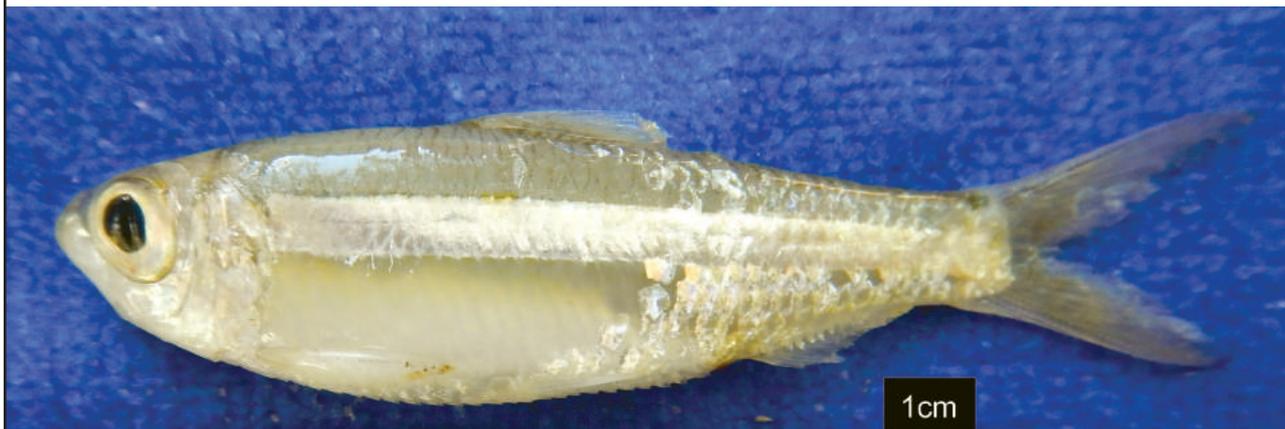
Distribuição: Atlântico ocidental, do golfo do Mainé até Santa Catarina. Lote testemunho: UESPIPHB 454.

Observação. Espécie com baixo valor comercial.

CLUPEIDAE

Harengula sp

Arenga-do-olhão



Descrição. Corpo fusiforme e lateralmente comprimido, boca terminal; atinge cerca de 10 cm de comprimento total; nadadeira dorsal única, situada aproximadamente na metade do corpo; nadadeiras pélvicas abaixo à dorsal; nadadeira anal curta; possui quilha serrilhada no ventre; rastros branquiais finos; escamas do corpo firmemente presas; dorso e parte superior das laterais do corpo levemente cinza, com faixa horizontal prateada; ventre prateado; uma pequena mancha escura na base superior da nadadeira caudal; nadadeiras trans lúcidas , com

exceção da nadadeira caudal que tem as margens fracamente escurecidas.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1978).

Observação: Distingue-se de *Harengula clupeola* (Cuvier, 1829) por não apresentar mancha negra no tronco.

Distribuição: Atlântico ocidental, do golfo do Mainé até Santa Catarina. Lote testemunho: UESPIPHB 516.

ENGRAULIDAE

Lycengraulis batesii
(Günther, 1868)

Arenga-branca



Descrição. Corpo fusiforme e lateralmente comprimido. Atinge cerca de 20 cm de comprimento total. Boca grande, com dentes caniniformes bem espaçados na mandíbula, dando um aspecto serrilhado. Focinho proeminente e arredondado. Primeiro arco branquial com 14 rastros branquiais curtos na parte inferior. Origem da nadadeira dorsal aproximadamente na metade do corpo. Origem da nadadeira anal abaixo da metade da base da nadadeira dorsal. Nadadeiras pélvicas anteriores à dorsal. Extremidade das nadadeiras peitorais alcança a

linha da base das nadadeiras pélvidas. As escamas soltam-se facilmente ao manuseio. Dorso levemente esverdeado a azulado, laterais e ventre prateados.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1978).

Distribuição: ocorre a leste do oceano Atlântico Central e Sul, incluindo as drenagens dos rios Orinogo, Manacacias, Guianas e bacia Amazônica. Após lote testemunho: UESPIPHB 530.

ENGRAULIDAE

Lycengraulis grossidens
(Agassiz, 1829)

Arenga-branca



Descrição. Corpo fusiforme e lateralmente comprimido. Atinge cerca de 20 cm de comprimento total. Boca grande, com dentes caniniformes bem espaçados na mandíbula, dando um aspecto serrilhado. Focinho proeminente e arredondado. Primeiro arco branquial com 16-26 rastos branquiais curtos na parte inferior. Origem da nadadeira dorsal aproximadamente na metade do corpo. Origem da nadadeira anal abaixo da metade da base da nadadeira dorsal. Nadadeiras pélvicas anteriores à dorsal. Extremidade das nadadeiras peitorais alcança a linha da base das nadadeiras pélvicas. As escamas soltam-se facilmente ao ma-

nuseio. Dorso levemente esverdeado a azulado, laterais e ventre prateados.
Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1978).

Distribuição e habitat: Ocorre desde a Venezuela (19 N) até a Argentina (aproximadamente 41 S). Habita águas costeiras rasas até a profundidade de 40 m, prefere águas de baixa salinidade e entre em rios costeiros e estuarinos. Após lote testemunho: UESPIPHB 515.

Biologia. Espécie predadora, alimenta-se de zooplâncton, crustáceos e principalmente de pequenos peixes.

ORDEM SILURIFORMES

A ordem Siluriformes é um grupo de peixes cosmopolita ocorrendo na Ásia, África, Europa, Américas e Oceania. A ordem inclui mais de 3.560 espécies distribuídas em 37 famílias (Eschmeyer & Fong, 2015), vulgarmente, conhecidas como bagres ou bodós e habitando água doce, salobra ou marinha nos seus mais variados ambientes.

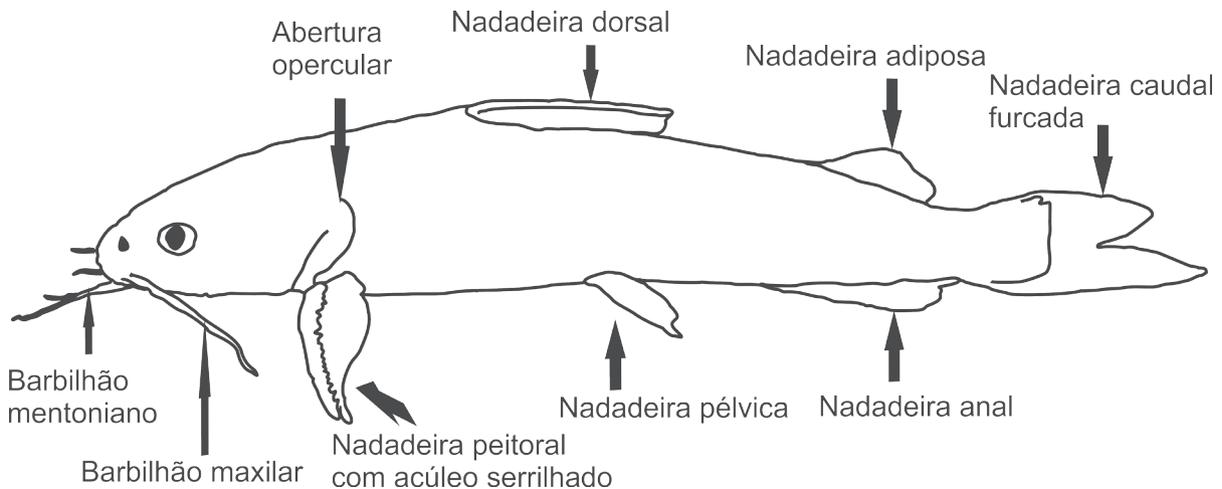
No estuário dos rios Timonha e Ubatuba ocorrem pelo menos cinco espécies da família Ariidae, a única família representada na área de estudo.

Bagres da família ariidae apresentam cabeça formada por placas ósseas, rugosas e visíveis sob a pele, que se estendem até

a origem da nadadeira dorsal.

Boca terminal ou inferior. Possuem de dois a três pares de barbilhões. Nadadeira dorsal e peitorais com acúleo serrilhado. Corpo revestido por pele sem escamas, escuro no dorso e pálido no ventre.

Habitam águas marinhas, estuarinas e doces de regiões temperadas quentes e tropicais, em regiões litorâneas pouco profundas, sobre fundos de lama ou areia. No estuário dos rios Timonha e Ubatuba, os bagres são capturados em curral e espinel principalmente e possuem considerável importância comercial para região



ARIIDAE

Aspistor luniscutis
(Valenciennes, 1840)

Bagre-amarelo



Descrição. Corpo comprimido dorso lateralmente; boca inferior com dois pares de barbilhoes no maxilar inferior, um par no superior; dentes palatinos não situados em projeções carnosas salientes; sem membrana entre as narinas; placa dorsal grande, quase tão longa quanto larga; escudo cefálico granulado visível abaixo da pele; nadadeira pélvica pós nadadeira dorsal; nadadeira adiposa longa, sua base

tão longa quanto a base da nadadeira anal. nadadeira caudal furcada;

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1978), Marceniuk (2005) e Marceniuk & Menezes (2007).

Distribuição. Norte e leste da América do Sul em águas marinhas e estuarinas. Lote testemunho: UESPIPHB 392.

ARIIDAE

Bagre bagre
(Linnaeus, 1758)

Bagre-fita



Descrição. Corpo comprimido dorso lateralmente; boca com um par de barbilhões no maxilar inferior, um par no superior achatado comprido que se estende além da nadadeira pélvica; sem membrana entre as narinas; nadadeira adiposa curta, menos da metade do comprimento da base da nadadeira anal; nadadeira anal longa com 32 a 35 raios; nadadeira caudal furcada; Corpo escuro na região dorsal tornando-se gradativamente mais claro na parte

inferior; nadadeiras laranja-claro com pigmentos escuros esparsos.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1978), Marceniuk (2005) e Marceniuk & Menezes (2007).

Distribuição e habitat: Norte e sudeste da América do Sul. Relativamente comum em nosso litoral, predominantemente nas águas salgadas, mas também nos estuários. Lote testemunho: UESPIPHB 483.

ARIIDAE

Cathorops spixii
(Agassiz, 1829)

Bagre-bandeira



Descrição. Corpo comprimido dorso lateralmente; boca com três pares de barbilhões, um no maxilar inferior e dois mentonianos; sem membrana entre as narinas; sulco mediano no dorso da cabeça sem constrição; nadadeira adiposa curta, menos da metade do comprimento da base da nadadeira anal; nadadeira caudal furcada; Corpo escuro na região dorsal tornando-se gradativamente mais claro na parte inferior; nadadeiras laranja-

claro com pigmentos escuros esparsos.

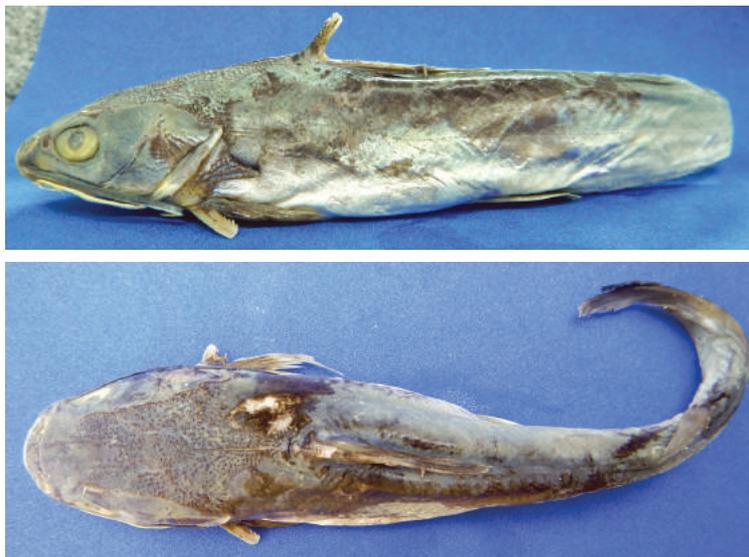
Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1978), Marceniuk (2005) e Marceniuk & Menezes (2007)

Distribuição e habitat: Nordeste da América do Sul das Guianas até o sul do Brasil. Presente em ambientes marinhos e estuarinos. Lote testemunho: UESPIPHB 468.

ARIIDAE

Sciades herzbergii (Bloch, 1794)

Bagre-camboeiro



Descrição. Corpo comprimido dorso lateralmente; boca com três pares de barbilhões, um no maxilar inferior e dois mentonianos; barbilhões maxilares escuros e longos, quase chegando até a base das nadadeiras peitorais; narinas unidas por dobra de pele; placa pré-dorsal semi-lunar e de ramos estreitos; nadadeira adiposa curta, menos da metade do comprimento da base da nadadeira anal; nadadeira caudal furcada; corpo escuro na região dorsal tornando-se gradativamente mais claro na parte inferior.

Literatura recomendada: Marceniuk (2005) e Marceniuk & Menezes (2007).

Distribuição e habitat: Norte e sudeste da América do Sul das Guianas até o sul do Brasil. Presente em ambientes marinhos e estuarinos. Está presente em todo estuário dos rios Timonha e Ubatuba. Lote testemunho: UESPIPHB 401.

Métodos de pesca na região: Principalmente artesanal com redes de emalhar, curral e anzol.

ARIIDAE

Sciades proops
(Valenciennes, 1840)

Bagre-cambeba



Descrição. Corpo comprimido dorso lateralmente; boca com três pares de barbilhões, um no maxilar inferior e dois mentonianos; barbilhões maxilares escuros e longos, quase chegando até a base das nadadeiras peitorais; narinas sem membranas entre si; placa pré-dorsal pequena em forma decrescente, seu comprimento na linha mediana muito menor que sua largura, processo occipital sem constrição em sua base, mais longo que sua parte distal; nadadeira adiposa longa, mais da metade do comprimento da base da nadadeira anal; nadadeira caudal furcada; Corpo escuro na região dorsal tornando-se gradativamente mais claro na parte inferior.

Literatura recomendada: Marceniuk (2005) e Marceniuk & Menezes (2007).

Distribuição e habitat: Norte e sudeste da América do Sul das Guianas até o sul do Brasil. Presente em ambientes estuarinos, mas também de água doce. Está presente em todo estuário dos rios Timonha e Ubatuba. Lote testemunho : UESPIPHB 484.

Métodos de pesca na região: Principalmente artesanal com redes de emalhar, curral e anzol.

ORDEM BATRACHOIDIFORMES

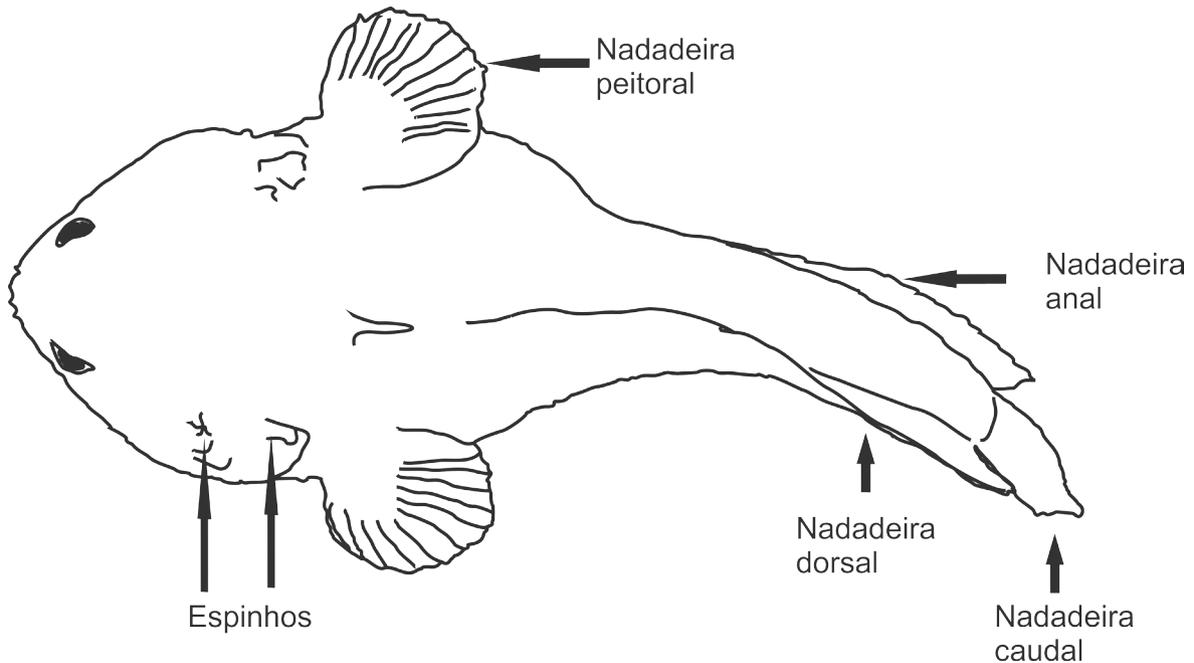
A ordem Batrachoidiformes compreende um grupo de espécies que se caracterizam por possuir corpo sem escamas, cabeça deprimida, olhos em posição dorsal. Apresentam espinhos dorsais e operculares e coloração escura.

Possuem duas nadadeiras dorsais, sendo a anterior formada por dois ou três espinhos em cuja base podem ocorrer

glândulas de veneno; nadadeiras pélvicas são anteriores e localizam-se ventralmente a câmara branquial.

São carnívoros, vivem sobre o fundo e de preferência em águas rasas costeiras.

No estuário dos rios Timonha e Ubatuba ocorre uma espécie que também é comum no norte e nordeste do Brasil que pertence a família Batrachoididae.



BATRACHOIDIDAE

Batrachoides surinamensis
(Bloch & Schneider, 1801)

Pacamão



Descrição. Corpo achatado dorso ventralmente; escamas muito pequenas inseridas na pele; opérculo com dois espinhos fortes e divergentes; sub-opérculo também com dois espinhos; região pré-dorsal e entre os olhos sem escamas; abertura branquiais grandes; mandíbula ligeiramente prognata; nadadeiras peitorais e caudal arredondadas; corpo escuro, coloração marrom na região dorsal tornando-se gradativamente mais claro na parte inferior. Literatura recomendada: Espírito Santo et al. (2005).

Distribuição e habitat: Atlântico Ocidental, de Honduras ao sudeste do Brasil. Presente nos substratos lodosos rasos e junto as algas podendo entrar em ambientes dulce aquícolas. Parece preda peixes bentônicos; está presente em todo estuário dos rios Timonha e Ubatuba. Lote testemunho: UESPIPHB 458.

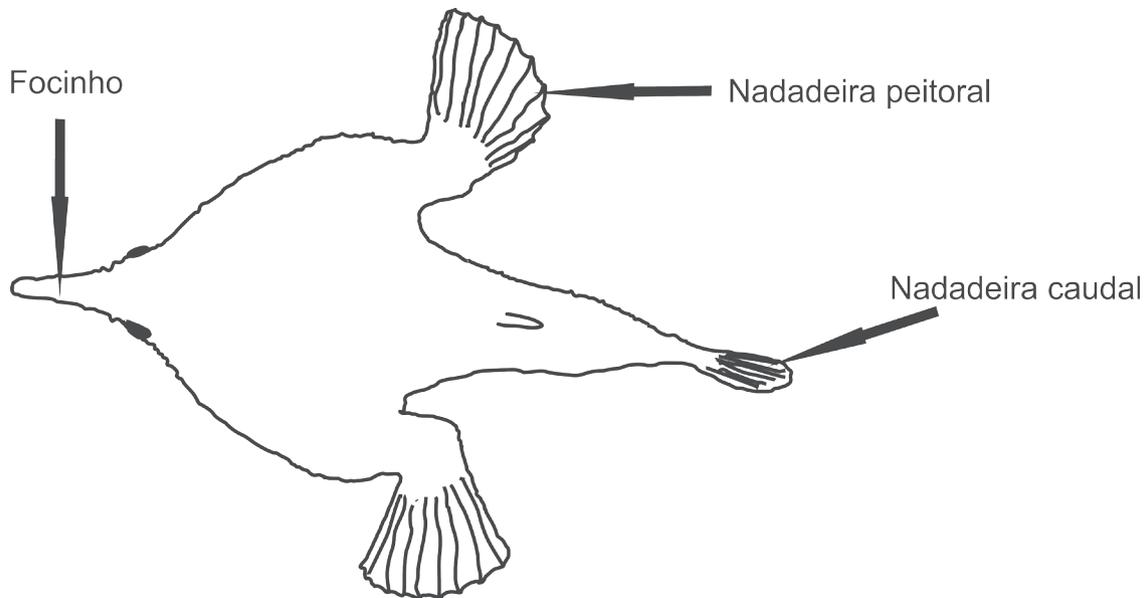
Métodos de pesca na região: Principalmente artesanal com redes de emalhar, curral e anzol.

ORDEM LOPHIIFORMES

Lophiiformes apresentam forma de corpo bizarro, são todos marinhos sendo a maioria habitantes de grandes profundidades. Todos representantes dessa ordem possuem uma modificação do primeiro raio da nadadeira dorsal em uma estrutura chamada de ilício, que se situa em uma cavidade localizada entre a boca e a ponta do focinho. O ilício funciona como isca para atrair outros peixes que possam

servir como alimento. Nadadeiras pélvicas, quando presentes, localizam-se à frente das peitorais.

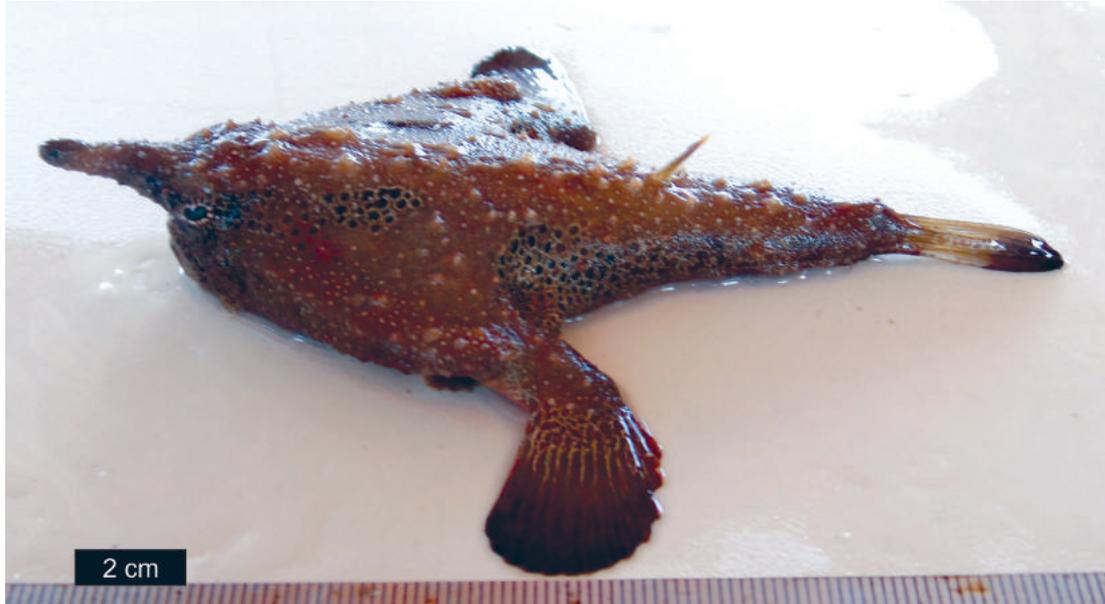
Na região de estudo foram encontradas duas espécies pertencentes a família Ogcocephalidae: *Ogcocephalus verperilio*, com focinho longo, de comprimento igual ou maior que a largura da boca e *O. notatus*, com focinho curto, bem menor que a largura da boca.



OGCOEPHALIDAE

Ogcocephalus vespertilio
(Linnaeus, 1758)

Peixe-cachimbo



Descrição. Corpo muito deprimido, de aspecto losangular quando visto de cima; focinho longo, boca pequena, subfrontal; aberturas branquiais recuadas posicionadas perto da base das nadadeiras peitorais, a meia-distância entre o rosto e o início da nadadeira caudal; pele áspera, com muitas projeções dérmicas; cor marrom-acinzentado, nadadeiras peitorais e caudal em geral com margem negra.

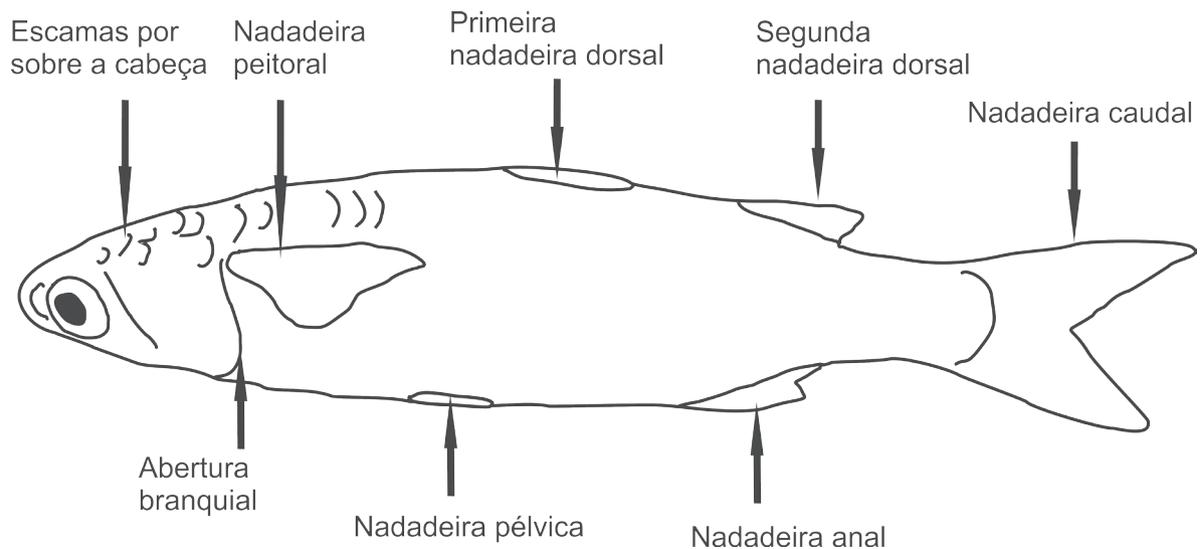
Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1978).

Distribuição e habitat. Ocorre no Atlântico Ocidental, desde o Caribe ao sul do Brasil. Consegue deslocar-se sobre o fundo do mar utilizando suas nadadeiras peitorais. Lote testemunho: UESPIPHB 431.

ORDEM MUGILIFOMES

Ordem mugiliformes compreende as tainhas e saúnas que estão agrupadas em uma única família, Mugilidae. Grupo que apresenta o corpo quase cilíndrico anteriormente e lateralmente comprimido posteriormente. Boca terminal, relativamente pequena e de forma angular quando fechada; dentes são diminutos, flexíveis, distribuídos em séries irregulares, os mais externos sendo em geral um pouco mais desenvolvidos. Olho é parcialmente recoberto por um pálpebra adiposa.

Apresentam duas nadadeiras dorsais curtas, triangulares e bem separadas uma da outra, a anterior com quatro espinhos e a posterior com um espinho e um número variável de raios moles. Nadadeiras peitorais em posição lateral e superior, acima da linha média do corpo. Nadadeiras pélvicas ficam um pouco atrás das peitorais, mas em posição ventral. Sua carne é bem apreciada. Um gênero e uma espécie da família mugilidae foi identificado.



MUGILIDAE

Mugil curema Valenciennes,
1836

Tainha

Descrição. Corpo alongado, comprimido. Maior altura na vertical através da origem da nadadeira dorsal. Perfil da dorsal levemente convexo da vertical através da borda anterior da órbita ao pedúnculo caudal, levemente côncavo ao longo do pedúnculo caudal. Perfil ventral da cabeça e corpo fortemente convexo da ponta da mandíbula inferior ao pedúnculo caudal, reto a levemente côncavo ao longo do pedúnculo caudal, a vertical através da base reta a levemente côncava ao longo do pedúnculo caudal, para vertical através da base da nadadeira caudal. Diâmetro orbital maior do que o comprimento do focinho. Olho grandemente coberto por tecido adiposo, deixando apenas uma área central ovalada não coberta em adultos. Tecido adiposo quase ausente em espécimes menores 30 a 35 milímetros de comprimento padrão. Nadadeira peitoral não alcançando a vertical através da origem do primeiro espinho da nadadeira dorsal. Nadadeira anal com três espinhos e nove a dez raios ramificados em adultos. Primeiro espinho da nadadeira dorsal

posicionado na metade entre a ponta do focinho e a base da nadadeira caudal. Uma conspícua mancha escura que se estende sobre grande parte da porção basal da nadadeira peitoral.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1985) e Menezes et al. (2015).

Distribuição. Do Estado do Pará ao Rio Grande do Sul.

Hábitos. Espécie abundante no estuário, encontrada em zonas estuarinas de águas salobras, canais de maré, desembocadura de rios, lagoas salobras e hipersalinas, águas marinhas costeiras, túpidas e claras. Alimenta-se de detrito e plâncton. Lote testemunho: UESPIPHB 368.

Importância comercial. Alta.

Observação. Juvenis são chamados de saúnas pela população local.

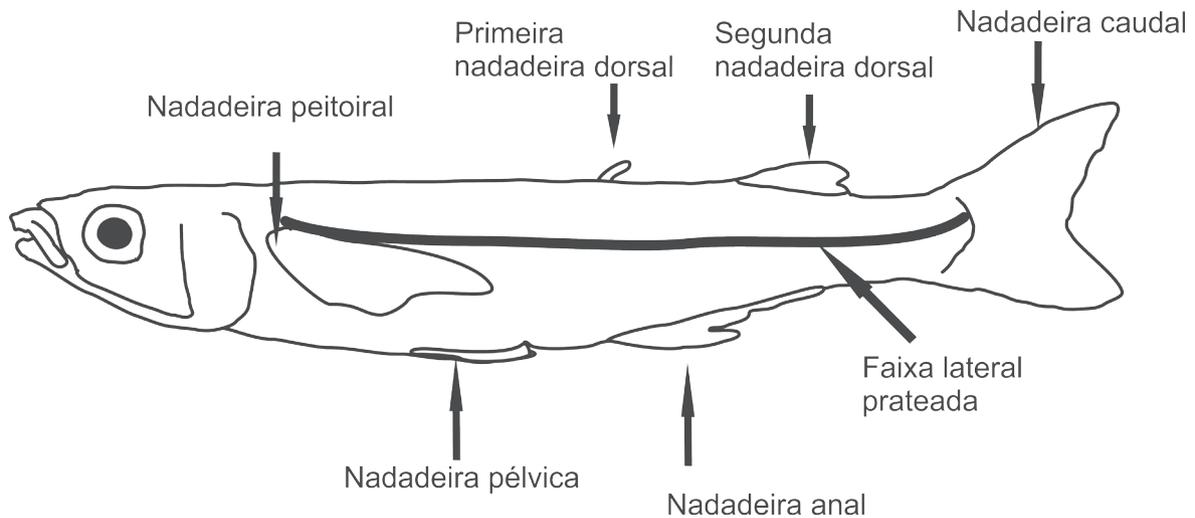
ORDEM ATHERINIFORMES

Peixes da ordem Atheriniformes são morfologicamente parecidos com *Mugiliformes* (tainhas e saúnas), pois também possuem duas nadadeiras dorsais, nadadeira peitoral em posição lateral e superior e nadadeira pélvica anterior a primeira dorsal.

Foi diagnosticada uma espécie pertencente a família Atherinidae no

estuário dos rios Timonha e Ubatuba.

Atherinideos possuem boca pequena e terminal. Apresentam uma faixa lateral prateada, a primeira nadadeira dorsal composta de espinhos fracos e localizada próximo á região mediana do tronco. São peixes pequenos com no máximo 15 cm de comprimento



ATHERINOPSIDAE

Atherinella brasiliensis
(Quoy & Gaimard, 1824)

Manjuba



Descrição. 35 a 40 séries transversais de escamas, da margem superior do opérculo à base da nadadeira caudal. Nadadeira anal com 17 a 22 raios; origem da primeira nadadeira dorsal um pouco atrás da origem da nadadeira anal; origem da nadadeira peitoral na altura da margem superior do olho.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1978) e Espírito Santo et al. (2005).

Distribuição e habitat. Ocorre da Venezuela ao Rio Grande do Sul. Espécie comum nos ambientes mais costeiros e presente em todo estuário dos rios Timonha e Ubatuba. Alimenta-se de plâncton e detritos vegetais e, em menor escala, de pequenos peixes e invertebrados. Lote testemunho: UESPIPHB 430.

Tamanho máximo encontrado. 13 cm.

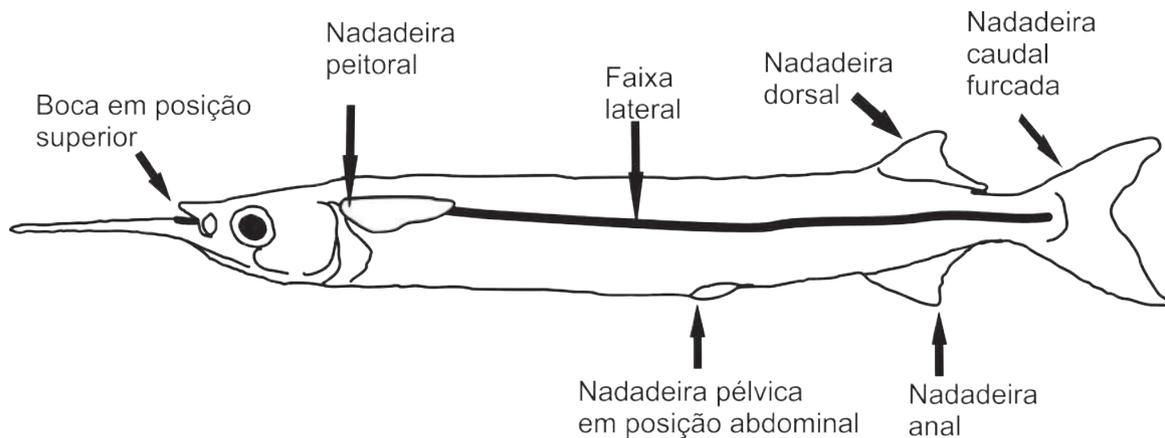
ORDEM BELONIFORMES

Peixes da ordem Beloniformes possuem um bico longo, formado pelo grande prolongamento de ambas as maxilas, providas de numerosos dentes pequenos e finos.

Corpo longo e estreito, em geral prateado lateral e inferiormente. As nadadeiras possuem apenas raios e tanto a dorsal como a anal se situam muito para trás, próximo da cauda. Nadadeiras pélvicas

ficam na região abdominal e possuem seis raios. Peitorais geralmente curtas. A linha lateral situa-se na parte lateral inferior do corpo.

No estuário dos rios Timonha e Ubatuba foram identificadas três espécies pertencente a ordem Beloniformes: *Hemiramphus brasiliensis* (Linnaeus, 1758), *Hyporhamphus roberti* (Valenciennes, 1847) e *Strongylura timocu* (Walbaum, 1792)



HEMIRAMPHIDAE

Hemiramphus brasiliensis
(Linnaeus, 1758)

Peixe-agulha

Descrição. Formato geral do corpo alongado, cilíndrico; boca superior, mandíbula inferior projetada de maneira a formar um rostro sem escamas; porção anterior ao olho sem crista; nadadeiras peitorais laterais em posição superior; nadadeiras pélvicas em posição abdominal; caudal e anal posteriormente posicionadas; nadadeira caudal com o lóbulo inferior nitidamente maior que o superior; nadadeira anal com 12-13 raios. Padrão geral de cor prateado; parte superior do corpo escura e inferior branca; mandíbula quase totalmente negra; nadadeiras dorsal e caudal mais escuras que as demais nadadeiras; ponta da mandíbula, lóbulo superior da nadadeira caudal e parte da nadadeira dorsal alaranjadas.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1978) e Espírito Santo et al. (2005).

Distribuição e habitat. Amplamente distribuído em ambas as costas do Atlântico. No Atlântico Ocidental, é encontrado desde a região da Nova Inglaterra (EUA) até o sudeste do Brasil. Muito abundante no nordeste do Brasil. Vive na superfície de águas costeiras, geralmente em cardumes alimentando-se de algas, detritos e pequenos crustáceos. Realiza desovas ao longo do ano todo. Lote testemunho: UESPIPHB 461.

Tamanho máximo encontrado. 34 cm.

Tamanho máximo na literatura consultada. 40 cm.

Importância comercial. Capturado com rede de emalhe superficial; grande importância para a pesca artesanal como fonte de renda, isca e alimentação.

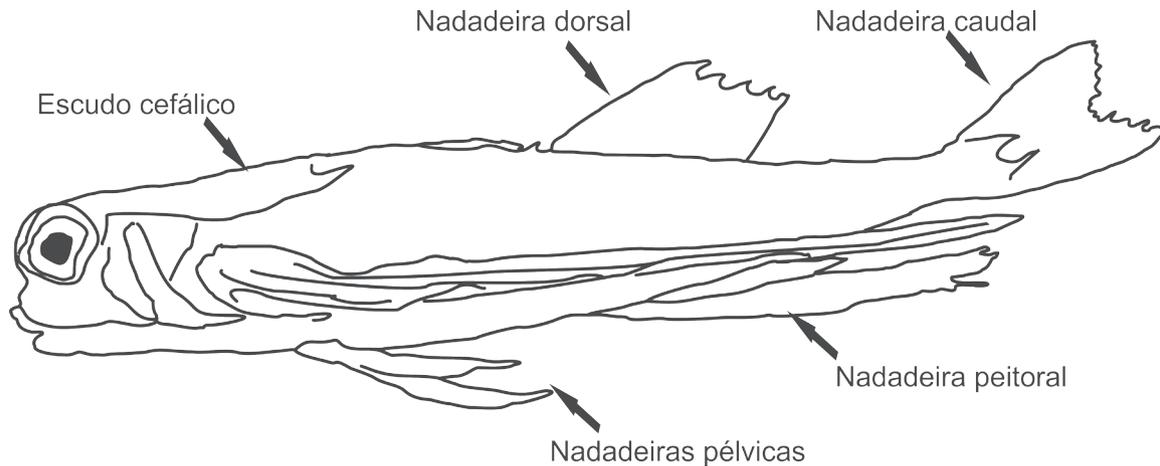
ORDEM SCORPAENIFORMES

Apresentam escudo cefálico ósseo bem desenvolvido com espinhos quilhados na parte posterior de cada lado e nadadeiras peitorais muito longas e arredondadas, membranas entre os raios inferiores.

Apesar do grande tamanho da nadadeira peitoral, não são utilizadas para o planeio fora da água, como acontece com os verdadeiros peixes voadores da

família Exocoetidae. São peixes de fundo que se locomovem com o auxílio das nadadeiras pélvicas no ambiente onde vivem, geralmente com lama ou areia.

No estuário dos rios Timonha e Ubatuba foram identificadas duas espécies: uma pertencente a família Dactylopteridae e outra a família Triglidae.



DACTYLOPTERIDAE

Dactylopterus volitans
(Linnaeus, 1758)

Voador



Descrição. Corpo achatado. Nadadeira dorsal com seis a sete espinhos e oito raios. nadadeira anal com seis raios. Dentes presentes nas maxilas, mas não no palato. Cor predominante escura, mas variável entre marrom e negra. Raios das nadadeiras alternam faixas escuras e claras. Ventre claro. Nadadeiras pélvicas e anal claras.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e hábitos. Ocorre no Atlântico

oriental; neste último estende-se das Bermudas à Argentina. Vivem nas zonas rasas dos estuários e já foram capturados no mar em profundidades de até 62 m. Lote testemunho: UESPIPHB 449.

Tamanho máximo na literatura consultada. 45 cm.

Tamanho máximo encontrado. 39,5 cm.

Importância comercial. Não é consumido.

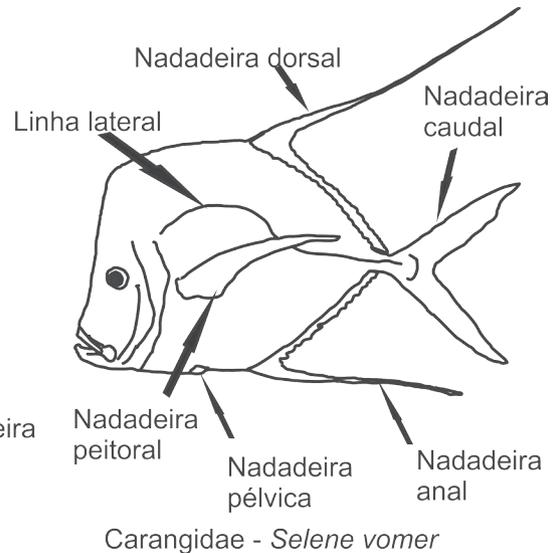
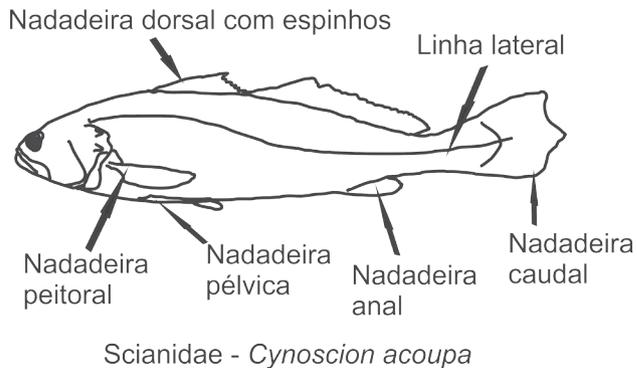
ORDEM PERCIFORMES

Até recentemente Ordem Perciformes era a mais diversificada dentre as ordens de vertebrados e também como um grupo dominante entre os peixes neotropicais. Incluía 160 famílias até Betancur-R et al. (2013) redefini-la em um agrupamento natural com um conjunto menor de famílias e espécies.

Atualmente Perciformes é constituída pelas famílias Centrarchidae, Percidae, Apogonidae, Pomatomidae, Echeineididae, Carangidae, Lutjanidae, Haemulidae, Sciaenidae e Chaetodontidae. Várias outras famílias foram alocadas em novas ordens.

No estuário dos rios Timonha e Ubatuba foram identificados representantes as famílias **Lutjanidae**, a família das Ciobas e Carapitangas, **Haemulidae**, a família dos Corós, **Sciaenidae**, a família das pescadas, **Carangidae**, a família dos peixes-galo e **Echeneididae**, a família das rêmoras.

Por questões práticas, seguimos o esquema tradicional de classificação para Perciformes conforme Nelson (2006), sabendo que futuros trabalhos adotarão a proposta classificatória de Betancur-R et al. (2013).



CENTROPOMIDAE*Centropomus undecimalis*
(Bloch, 1792)**Camurim**

Descrição. Corpo alongado, fusiforme. Mandíbula inferior pronunciada, prognata. Primeiro arco branquial com 13-21 rastos. Oito espinhos na primeira nadadeira dorsal. Um espinho mais 11 raios moles na segunda nadadeira dorsal. Escamas ctenóides. Linha lateral com 67 a 77 escamas perfuradas, de cor escura. Segundo espinho da nadadeira anal geralmente menos desenvolvido, quase nunca ultrapassando a extremidade do terceiro; terceiro raio da anal levemente curvo. Extremidade da pélvica não alcançando margem anterior do ânus, mas ultrapassando um pouco o comprimento da peitoral. Corpo prateado, com tonalidade mais escura no dorso. Nadadeiras dorsais, parte anterior da anal e lobo inferior da caudal enegrecidos. Peitorais, pélvicas e lobo superior da caudal

mais claros, com pouca pigmentação. Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e hábitos. Distribui-se do sul da Florida (EUA) ao sul do Brasil. Adultos encontrados em águas marinhas superficiais, de substrato mole e em profundidades de menos de 20 m. Juvenis nos estuários e lagoas, tanto em águas salobras quanto hipersalinas. Lote testemunho: UESPIPHB 463.

Tamanho máximo na literatura consultada. 150 cm e 25 kg.

Tamanho máximo encontrado. 39,5 cm.

Importância comercial. Alta.

CENTROPOMIDAE

Centropomus parallelus Poey,
1860

Camurim

Descrição. Corpo alongado, fusiforme. Sete a oito espinhos na primeira nadadeira dorsal. Terceiro espinho da nadadeira dorsal maior do que o quarto. Um espinho mais 10 raios moles na segunda nadadeira dorsal. Escamas ctenóides. Linha lateral com 79 escamas perfuradas, de cor escura. Segundo espinho da nadadeira anal maior do que o terceiro, chegando a base da nadadeira caudal; terceiro raio da anal levemente curvo. Extremidade da pélvica não alcançando margem anterior do ânus, mas ultrapassando um pouco o comprimento da peitoral. Corpo prateado, com tonalidade mais escura no dorso e pigmentação escura esparsa nas nadadeiras dorsal, caudal e anal.
Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e hábitos. Distribui-se da Flórida (EUA) ao sul do Brasil. Habita estuários e área costeira até aproximadamente 30 m de profundidade. Lote testemunho: UESPIPHB 425.

Tamanho máximo na literatura consultada. 60 cm.

Tamanhos mínimo e máximo encontrados. 16,5 cm e 26 cm.

Importância comercial. Carne saborosa e de grande valor comercial.

Arte de pesca ou forma de captura. Assim como *C. undecimalis*, pode ser capturado com rede de emalhar e linha de mão.

SERRANIDAE

Alphestes afer
(Bloch, 1793)

Peixe-gato



Descrição. Corpo alongado com escamas pequenas. Boca ampla e terminal, com muitos dentes pequenos. Primeiro arco branquial com 21 a 24 rastros. Caracteriza-se por apresentar no ângulo do pré-opérculo um espinho grande, achatado e voltado para a frente. Nadadeira dorsal com 11 espinhos e 18 a 19 raios; nadadeira anal com 8 a 9 raios. Colorido do corpo variando de alaranjado a marrom. Várias pequenas manchas irregulares laranjas com algumas manchas sem formato definido de tonalidade escura. Manchas escuras formam faixas transversais e se prolongam nas nadadeiras.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e hábitos. Distribui-se da Flórida (EUA) ao Estado de São Paulo. Habita estuários e área costeira até aproximadamente 35 m de profundidade. Lote testemunho: UESPIPHB 476.

Tamanho máximo na literatura consultada. 33 cm.

Tamanho máximo encontrado. 23,5 cm.

Importância comercial. Alta.

SERRANIDAE

Epinephelus adscensionis
(Osbeck, 1771)

Garoupa-pintada



Descrição. Corpo alongado com escamas pequenas. Boca ampla e terminal, com muitos dentes pequenos. Terceiro ao quinto espinhos da nadadeira dorsal mais longos que os demais; margem posterior da nadadeira caudal convexa; cabeça sem pontuações negras, às vezes com manchas grandes escuras e arredondadas, corpo totalmente coberto por manchas escuras e arredondadas. Duas ou três manchas escuras maiores sob a base da nadadeira dorsal e uma superiormente no pedúnculo caudal.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e hábitos. De águas tropicais do Atlântico. Na costa americana, distribui-se de Massachusetts ao Estado de São Paulo. Lote testemunho: UESPIPHB 445.

Tamanho máximo na literatura consultada. 60 cm .

Tamanho máximo encontrado. 22,5 cm

Importância comercial. Alta.

SERRANIDAE

Epinephelus morio
(Valenciennes, 1828)

Sirigado



Descrição. Corpo alongado com escamas pequenas. Boca ampla e terminal, com muitos dentes pequenos. Segundo espinho da nadadeira dorsal mais longo que os demais; margem posterior da nadadeira caudal reta ou côncava; algumas pontuações negras minúsculas ao redor e abaixo dos olhos. Coloração geral marrom-avermelhada, com manchas claras espalhadas no corpo.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e hábitos. Distribui-se de Mas-

sachusetts até o Estado de São Paulo. Vive em fundos rochosos, desde a costa até mais de 100 m de profundidade. Lote testemunho: UESPIPHB 444.

Tamanho máximo na literatura consultada. pelo menos 70 cm e 12 kg .

Tamanho máximo encontrado. 23,2 cm.

Importância comercial. Alta.

OBS: Incluída na categoria de quase ameaçada pela IUCN (Intenational Union Conservation of Nature).

PRIACANTHIDAE

Priacanthus arenatus
(Cuvier, 1829)

Olho-de-boi



Descrição. Porte médio a pequeno. Boca muito inclinada com dentes pequenos. Corpo lateralmente comprimido, coberto de escamas pequenas e ásperas. Nadadeira dorsal com 10 espinhos e 10 a 15 raios; anal com três espinhos e 14 a 16 raios. Nadadeiras pélvicas mais curtas do que o comprimento da cabeça. Coloração geral rósea e olhos grandes.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e hábitos. Distribui-se do Canadá ao norte da Argentina. Noturno. vive em fundos rochosos e até 130 m de profundidade. Alimenta-se de pequenos peixes, crustáceos e poliquetas. Lote testemunho: UESPIPHB 448.

Tamanho máximo na literatura consultada. Até 40 cm.

Tamanho máximo encontrado. 21,5 cm.

Importância comercial. Alta.

CARANGIDAE

Carangoides crysos
(Mitchill, 1815)

Guarajuba



Descrição. Formato geral do corpo fusiforme; boca terminal; corpo coberto por muitas escamas ciclóides pequenas; adultos com nadadeira peitoral comprida falcada e maior do que o comprimento da cabeça; nadadeira dorsal com 22 a 25 raios; anal com 19 a 21; linha lateral com 42 a 56 escudetes; ramo inferior do primeiro arco branquial com 23 a 28 rastros, incluindo rudimentos; lóbulos da nadadeira caudal com mesmo tamanho; peito com escamas; Coloração prateada ou levemente amarelada; região dorsal verde-azulada; jovens com 7 faixas verticais escuras.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980) e Espírito Santo et al., (2005).

Distribuição e habitat. Atlântico ocidental, desde o Canadá até a Argentina. Pelágico, costeiro, em cardumes. Alimenta-se principalmente de peixes, mas também de crustáceos, moluscos e zooplâncton. Lote testemunho UESPIPHB 369.

Tamanho máximo encontrado. 29 cm.

Tamanho máximo na literatura consultada. 70 cm.

Importância comercial. Média. Sua carne é considerada de boa qualidade.

CARANGIDAE

Caranx hippos
(Linnaeus, 1766)

Xaréu



Descrição. Formato geral do corpo fusiforme, mais alto que *Carangoides crysos*, achatado lateralmente; boca terminal; corpo coberto por muitas escamas ciclóides pequenas; adultos com nadadeira peitoral comprida falcada e maior do que o comprimento da cabeça; nadadeira dorsal com 19 a 21 raios; anal com 15 a 17; linha lateral com 23 a 42 escudetes; ramo inferior do primeiro arco branquial com 14 a 28 rastros, incluindo rudimentos; região ventral adiante das nadadeiras pélvicas nua, com exceção de um pequeno conjunto mediano de escamas; lóbulos da nadadeira caudal com mesmo tamanho; peito com escamas; Coloração do dorso verde-azulado; lado do corpo prateada a amarelada; uma mancha negra proeminente na margem do opérculo, ao nível do olho; outra ovalada, na região

inferior da nadadeira peitoral (ausente em exemplares muito pequenos); jovens com faixas verticais escuras no corpo.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Atlântico ocidental, desde o Canadá até o Uruguai. Forma cardumes e frequenta regiões estuarinas. Alimenta-se basicamente de peixes, mas come também invertebrados. UESPIPHB 417.

Tamanho máximo encontrado. 17 cm.

Tamanho máximo na literatura consultada. 1m.

Importância comercial. Média. Sua carne é considerada de boa qualidade.

CARANGIDAE

Chloroscrombus chrysurus
(Linnaeus, 1766)

Palometa



Descrição. Fenda bucal quase vertical; formato geral do corpo ovalado, perfil ventral mais convexo que o dorsal, achatado lateralmente; nadadeira dorsal com 8 espinhos anteriormente, seguidos de 1 espinho e 25 a 28 raios; linha lateral sem escudos, mas com algumas escamas mais desenvolvidas na região do pedúnculo caudal; ramo inferior do primeiro arco branquial com 30 a 37 rastros, incluindo rudimentos; lóbulo superior da nadadeira caudal um pouco maior do que o lóbulo inferior; corpo prateado; região dorsal azul-esverdeada; uma mancha negra na parte dorsal do pedúnculo caudal.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Ocorre de Massachusetts (EUA) até o Uruguai. Forma cardumes e frequenta regiões estuarinas. Alimenta-se basicamente de peixes, mas come também invertebrados. Lote testemunho: UESPIPHB 370.

Tamanho máximo encontrado. 17 cm.

Tamanho máximo na literatura consultada. 30 cm.

Importância comercial. Média.

CARANGIDAE

Oligoplites palometa
(Cuvier, 1832)

Timbiro



Descrição. Boca terminal, grande, focinho pontudo; pré-maxilar com uma fileira de dentes; corpo alongado com formato losangular, achatado lateralmente, perfil ventral moderadamente convexo; primeira nadadeira dorsal com quatro a cinco espinhos anteriormente; sem escamas; linha lateral sem escudetes; nadadeira peitoral com 18 raios; dois espinhos anteriores da nadadeira anal, pélvicas reduzidas primeiro arco branquial com 14 a 19 rastos, excluindo rudimentos; corpo prateado ou esbranquiçado, nadadeiras amareladas.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Atlântico ocidental, desde a Guatemala até São Paulo. Espécie pelágica, frequente em águas de baixa salinidade, também no mar, até 50 m de profundidade. Alimenta-se basicamente de peixes e crustáceos, jovens comem escamas que arrancam de outros peixes. Lote testemunho: UESPIPHB 517.

Tamanho máximo encontrado. 12,2 cm.

Tamanho máximo na literatura consultada. 50 cm.

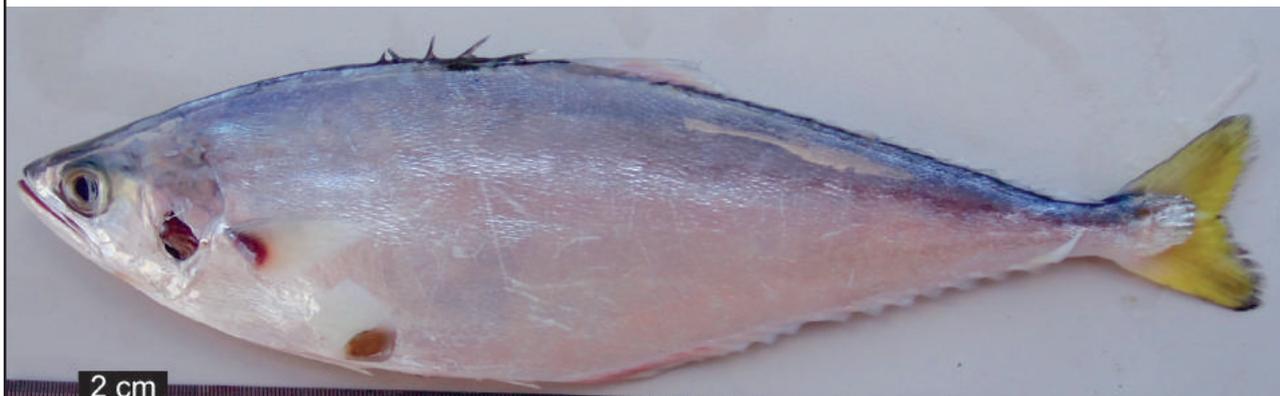
Importância comercial. Média.

Métodos de pesca na região. Redes de emalhar e em currais.

CARANGIDAE

Oligoplites saurus
(Bloch & Schneider, 1801)

Timbiro



Descrição. Boca terminal, maxilar não protractil, mandíbula inferior não notoriamente expandido; pré-maxila com duas fileiras de dentes; formato geral do corpo losangular, achatado lateralmente, perfil ventral moderadamente convexo; primeira nadadeira dorsal com quatro a seis espinhos anteriormente; primeiro arco branquial com 17 a 21 raios, excluindo rudimentos; nadadeira peitoral menor do que o comprimento da cabeça; linha lateral sem escudetes; 11 a 15 raios na nadadeira anal; corpo prateado; região dorsal azul-esverdeada.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Ocorre de Massa-

chusets (EUA) até o Rio Grande do Sul. Pelágico, costeiro, também em enseadas e baías e mesmo em águas de pouca salinidade, em todas as profundidades. Alimenta-se basicamente de peixes e crustáceos, jovens comem escamas que arrancam de outros peixes. Lote testemunho: UESPIPHB 371.

Tamanho máximo encontrado. 29,5 cm.

Tal comamanho máximo na literatura consultada. 30 cm.

Importância comercial. Média.

Métodos de pesca na região. Redes de emalhare em currais.

CARANGIDAE

Selene browni (Cuvier, 1816)

Galo



2 cm

Descrição. Boca terminal, perfil da cabeça curvo; corpo alto, altura contida entre 1,6 a 1,9 vezes na distância entre a ponta do focinho e a extremidade dos raios medianos da nadadeira caudal; extremamente achatado lateralmente, perfil ventral convexo; primeiro arco branquial com 29 a 31 rastros incluindo rudimentos; corpo aparentemente nú com escamas diminutas; oito espinhos na nadadeira dorsal seguidos de 23 raios; um

espinho e 17 raios na nadadeira anal.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Atlântico ocidental, do México ao Espírito Santo. Lote testemunho UESPIPHB 372.

Tamanho máximo encontrado. 15,5 cm

CARANGIDAE

Selene vomer (Linnaeus, 1766)

Galo-de-Penacho

Descrição. Boca terminal; corpo alto, altura contida de 1,4 a 1,7 vezes na distância entre a ponta do focinho e a extremidade dos raios medianos da nadadeira caudal; extremamente achatado lateralmente, perfil ventral quase reto; primeiros raios das nadadeiras dorsal e anal muito alongados; nadadeiras pélvicas profundadas nos indivíduos jovens; primeiro arco branquial com 35 rastros incluindo rudimentos; corpo prateado ou esbranquiçado, mais escuro dorsalmente. jovens com quatro a cinco faixas verticais escuras interrompidas; filhotes apresentam manchas verticais escuras falhadas. Literatura recomendada Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Do Maine (EUA) ao Uruguai. Pelágico, costeiro, frequente em áreas protegidas, enseadas e baías, sobre fundos de areia ou pedra; jovens comuns em águas estuarinas. Forma pequenos cardumes e alimenta-se principalmente de peixes e crustáceos. Lote testemunho: UESPIPHB 438.

Tamanho máximo encontrado. 26 cm.



Tamanho máximo na literatura consultada. 50 cm.

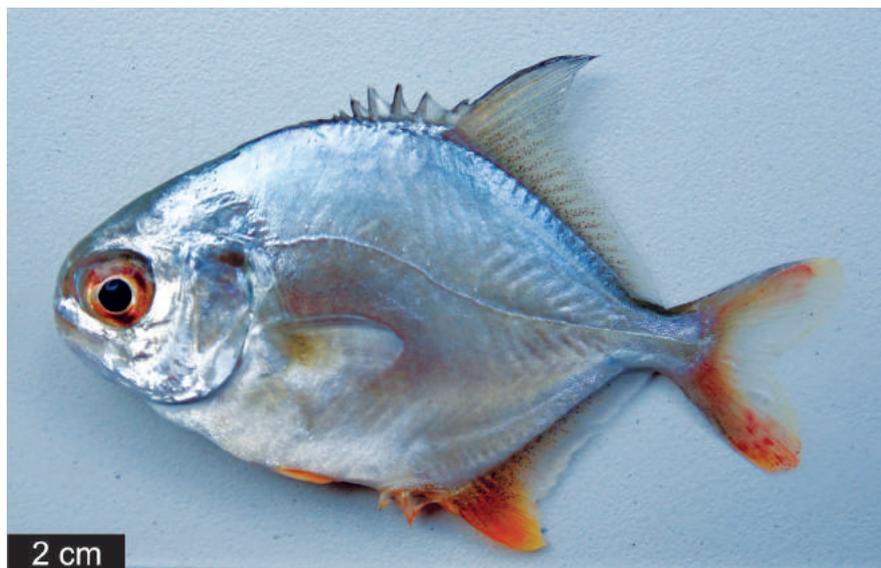
Importância comercial. Alta importância como recurso pesqueiro.

Métodos de pesca na região. Redes de emalhar e em currais

CARANGIDAE

Trachinotus carolinus
(Linnaeus, 1758)

Piraroba



Descrição. Boca terminal; perfil do corpo ovalado, achatado lateralmente, perfil ventral convexo; primeiro rastro branquial com 14-16 rastros branquiais; nadadeira dorsal com 22 a 27 raios, anal com 20 a 24 raios; caudal muito grande, quase tão grande quanto a metade do comprimento padrão; corpo prateado; região ventral esbranquiçada ou amarelada.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Ocorre desde Massachusetts (EUA) até o Estado do Rio Grande do Sul. Pelágico costeiro, encontrado até 50 m de profundidade. Indivíduos pequenos são comumente capturados na praia arenosa de Cajueiro da Praia com rede arrasto do ripo picaré. Alimenta-se de invertebrados, principalmente moluscos e crustáceos e também peixes pequenos.

Tamanho máximo na literatura. 65 cm.

Tamanho máximo encontrado. 7,3 cm.

CARANGIDAE

Trachinotus falcatus
(Linnaeus, 1758)

Pampo



Descrição. Boca terminal; perfil ovalado do corpo; corpo alto, proporcionalmente mais alto que em *Trachinotus carolinus*, tornando-se mais alongado em exemplares de grande porte. corpo achatado lateralmente, perfil ventral convexo; primeiro arco branquial com 16 a 22 rastros branquiais; nadadeira dorsal com 17 a 21 raios, anal com 16 a 19 raios; prateado sem manchas; nadadeiras amareladas com pontas enegrecidas; jovens alternando entre preto e prateado.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Ocorre desde Massachusetts (EUA) até São Paulo. Indivíduos pequenos são comumente ados em praias arenosas de pouca profundidade; os adultos são pelágicos e habitam áreas com profundidades de até 90 m. Lote testemunho: UESPIPHB 423.

Tamanho máximo na literatura. 120 cm.

Tamanho máximo encontrado. 28 cm.

LUTJANIDAE

Lutjanus alexandrei
Moura & Lindeman, 2007

Baúna-de-fogo

Descrição. Boca terminal, grande e protractil, com uma fileira de dentes cônicos em cada mandíbula; um proeminente par de dentes caniniformes na mandíbula superior. Corpo moderadamente alto. Nadadeira dorsal com 11 espinhos e 13 a 14 raios. Nadadeira anal com três espinhos e sete a oito raios, peitoral com 16 a 17 raios. Oito rastros branquiais no primeiro ramo do arco branquial inferior, excluindo os rudimentos. Cinco séries de escamas entre a linha lateral e a nadadeira dorsal. 47 escamas perfuradas da linha lateral, seis linhas claras verticais finas que se alternam entre faixas escuras grossas na lateral do corpo.

Literatura recomendada: Moura & Lindeman (2007).

Distribuição e habitat. Porção tropical do Atlântico ocidental, do Maranhão ao sul da costa da Bahia. Exemplares pequenos habitam zonas rasas dos estuários e baías, fundos rochos e coralinos da zona entre-marés. Maiores ocorrem em águas de maior profundidade, pelo menos 54 m. Após lote testemunho: UESPIPHB 374.

Tamanho máximo na literatura. 24,3 cm.

Tamanho máximo encontrado. 22 cm.

Importância comercial. Alta.

LUTJANIDAE

Lutjanus analis
(Cuvier, 1828)

Cioba



Descrição. Boca terminal. Corpo moderadamente alto. Mancha negra lateral do corpo grande em exemplares jovens e pequena, mas bem evidente, em exemplares de grande porte. Margem da nadadeira anal angulosa, os raios medianos bem mais desenvolvidos que os demais. Dentes caninos relativamente pequenos, os da maxila superior um pouco maiores que os da inferior. Apresenta de 10 a 11 espinhos na nadadeira dorsal. Anal com três espinhos e sete a oito raios. Corpo prateado, mais escuro superiormente, com tonalidades avermelhadas inferiormente. Uma estria azulada irregular (escura em álcool) da parte média do maxilar até a margem inferior do olho. Uma mancha escura arredondada acima da linha lateral, abaixo

dos primeiros raios da dorsal. Nadadeiras avermelhadas, principalmente as pélvicas, anal e lobo inferior da caudal.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Atlântico ocidental, de Massachusetts (EUA) ao sudeste do Brasil. Jovens são comuns em fundos rochosos e coralinos em pouca profundidade os adultos preferem águas de maior profundidade. Após lote testemunho UESPIPHB 373.

Tamanho máximo na literatura. 80 cm .

Tamanho máximo encontrado. 22,3 cm.

Importância comercial. Alta.

LUTJANIDAE

Lutjanus jocu
(Bloch & Schneider, 1801)

Carapitanga



Descrição. Porte robusto. Focinho cônico e pontudo. em desenvolvidos no pré-maxilar. Dentes caninos uma faixa clara aproximadamente triangular, que se estende do meio do focinho até o opérculo. Corpo marrom-escuro superiormente e avermelhado, inferiormente. Parte posterior da nadadeira dorsal e da anal com perfis arredondados. Nadadeiras alaranjadas ou amareladas.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Atlântico ocidental, do Canadá ao sudeste do Brasil. Exemplos pequenos habitam zonas rasas dos estuários e baías, fundos rochos e coralinos da zona entre-marés. Maiores ocorrem em águas mais profundas. Lote testemunho: UESPIPHB 464.

Tamanho máximo na literatura. 70 cm

Tamanho máximo encontrado. 25,5 cm.

Importância comercial. Alta

LUTJANIDAE

Lutjanus synagris
(Linnaeus, 1758)

Ariacó



Descrição. Boca terminal. Nadadeira dorsal com 10 espinhos e 11 a 13 raios. Mancha negra nos lados do corpo situada abaixo dos primeiros raios da nadadeira dorsal. Mancha negra em contato com linha lateral, 1/4 ou menos pode estar abaixo da linha. Faixas longitudinais amareladas, pelo menos seis. Nadadeiras pélvicas e anal são amareladas e a caudal avermelhada. Nadadeira caudal com mancha escura em sua extremidade.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Atlântico ocidental, da Carolina do Norte ao sudeste do Brasil. Ocorre desde águas litorâneas até

profundidades de cerca de 400 m. Exemplos jovens são relativamente comuns em recifes de coral e regiões de pedras do litoral. Lote testemunho: UESPIPHB 420.

Biologia. Alimenta-se principalmente de crustáceos e peixes.

Tamanho máximo na literatura. 40 cm

Tamanho máximo encontrado. 21,0 cm.

Importância comercial. Alta

Arte de pesca na região. Linha e rede de emalhar.

LUTJANIDAE

Ocyurus chrysurus
(Bloch, 1791)

Guaiuba



Descrição. Boca terminal. Corpo fusiforme. Nadadeira dorsal com 10 espinhos e 12 a 14 raio, nadadeira anal com três espinhos e nove raios e nadadeira peitoral com 15 a 16 raios. Coloração geral rosada, ventre claro, linha amarelada grossa que vai do focinho ao pedúnculo caudal. Possui pontos verde-amarelados no dorso. Apresenta linhas amareladas finas no ventre.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Atlântico ocidental, de Massachusetts (EUA) até o sul do Brasil. Exemplares jovens vivem em águas litorâneas, geralmente associados a recifes e

alimentam-se de plâncton. Lote testemunho: UESPIPHB 375.

Biologia. Alimenta-se principalmente de crustáceos e peixes.

Tamanho máximo na literatura. 70 cm

Tamanho máximo encontrado. 28,7 cm.

Importância comercial. Alta

Arte de pesca na região. Linha e rede de emalhar.

LOBOTIDAE

Lobotes surinamensis
(Bloch, 1790)

Chacarona



Descrição. Boca terminal. Cabeça pequena. Maxila inferior nitidamente mais longa e robusta que a superior. Corpo muito alto, comprimido lateralmente. Perfil superior com uma concavidade acentuada na região situada atrás dos olhos. Nadadeiras dorsal posterior e anal alongadas, em direção à caudal, dando à parte posterior do corpo um aspecto de cauda tripla. Variação de cor nos juvenis. Adultos com coloração marrom, um pouco mais escura superiormente, com exceção das peitorais que são claras. **Literatura recomendada:** Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. No Atlântico ocidental; ocorre da Nova Inglaterra à

Argentina. Habitam as águas rasas, perto da praia ou em alto-mar, sobre fundos de pedra e também água salobra, junto à desembocadura de rios. Lote testemunho: UESPIPHB 473.

Comportamento. Juvenis imitam folhas de mangue tomando posição aproximadamente paralela à superfície da água.

Tamanho máximo na literatura. 75 cm e 15 kg.

Tamanho máximo encontrado. 41,0 cm.

Importância comercial. Alta

HAEMULIDAE

Anisotremus virginicus
(Linnaeus, 1758)

Coró-dourado



Descrição. Corpo relativamente curvo e alto, maior altura cerca de 2 vezes no comprimento padrão. Perfil dorsal muito mais curvo que o ventral. Focinho truncado, pouco maior que o diâmetro orbital. Boca pequena, extremidade posterior do maxilar apenas ultrapassando ligeiramente a vertical que passa pela margem anterior da órbita. 10 a 11 séries de escamas entre a linha lateral e a origem da nadadeira dorsal. Corpo do adulto com faixas longitudinais escuras e

claras alternadas, uma faixa negra vertical da origem da nadadeira dorsal até a base da nadadeira peitoral e outra inclinada, mais anterior, originando-se na parte superior do corpo e estendendo-se através do olho até a parte inferior da mandíbula. Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição. Da Flórida ao sudeste do Brasil. Lote testemunho: UESPIPHB 478.

GERREIDAE

Eucinostomus argenteus
Baird & Girard, 1855

Carapitu



Descrição. Corpo alto, rombóide, sem estrias longitudinais escuras. Boca terminal e prostrátil. Nadadeiras dorsal e anal com a base revestida de escamas. Margem do pré-opérculo lisa. Nadadeira anal com três espinhos, o primeiro reduzido, segundo maior, porém ligeiramente mais curto que o terceiro. Segundo espinho da nadadeira anal menor que o diâmetro do olho; dorsal espinhosa com a ponta enegrecida, mas sem a faixa branca separando-a da parte basal da nadadeira. Sulco do pré-maxilar contínuo, não interrompido anteriormente por escamas. Nadadeira caudal bifurcada. Cor uniformemente prateada.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980) e Espírito Santo et al (2005).

Distribuição. Encontrada no Pacífico leste e no Atlântico. No Atlântico ocidental, estende-se de New Jersey (EUA) ao sul do Brasil.

Hábitos. Espécie abundante em águas rasas de praias arenosas, lagoas costeiras de água salobra e em estuários. Alimenta-se de pequenos invertebrados e algas e alcança cerca de 30 cm. Lote testemunho: UESPIPHB 500.

Tamanho máximo na literatura consultada. 30 cm.

Tamanho máximo encontrado. 13,0 cm.

Importância comercial. Muito baixa devido ao seu reduzido tamanho médio.

GERREIDAE

Diapterus auratus Ranzani, 1840

Carapeba



Descrição. Corpo alto, rombóide, sem estrias longitudinais escuras. Boca terminal e protrátil. Margem do pré-opérculo serrilha. Comprimento padrão medindo o dobro da altura da cabeça. Nadadeiras dorsal e anal com a base revestida de escamas. Nadadeira dorsal com 9 espinhos e 10 raios. Nadadeira anal com 3 espinhos (o segundo muito longo e forte) e oito raios. Nadadeira caudal bifurcada. Cor uniformemente prateada.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980) e Espírito Santo et al. (2005).

Distribuição. Da Carolina do Norte (EUA) até Santa Catarina.

Hábitat. Espécie de águas estuarinas rasas de substrato lodoso. Também tolera águas hipersalinas em área de mangue. UESPIPHB 418.

Tamanho máximo na literatura consultada. 35 cm.

Tamanho máximo encontrado. 16,5 cm.

Importância comercial. Baixa devido ao seu reduzido tamanho médio.

HAEMULIDAE

Genyatremus luteus
(Bloch, 1790)

Coró-zumbi



Descrição. Boca terminal e pequena; a extremidade posterior do maxilar ultrapassando apenas ligeiramente a vertical que passa pela margem anterior da órbita; focinho rombudo, curto, menor ou no máximo igual ao diâmetro orbital; parte anterior da região interorbital com uma saliência pronunciada; preo-pérculo serrilhado; corpo ovalado e alto, a maior altura pouco mais que duas vezes no comprimento padrão; nadadeira dorsal com 13 espinhos e 12 raios, nadadeira anal com 3 espinhos e 11 raios e nadadeira peitoral com 17 a 18 raios; nadadeira caudal emarginada; coloração prateada a escura

na parte dorsal; apresenta faixa escura na região pré-dorsal que se destaca; nadadeira peitoral quase hialina com tonalidade levemente escura; pélvicas, anal e caudal amareladas com pigmentação ou faixa escura. **Literatura recomendada:** Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição. Atlântico ocidental do Caribe até São Paulo. Lote testemunho: UESPIPHB 376.

Capturado em rede de emalhar.

HAEMULIDAE

Haemulon plumieri
(Lacepède, 1802)

Coró-roxo



Descrição. Boca grande, ampla. Focinho cônico. Perfil dorsal quase regularmente convexo da ponta do focinho à origem da nadadeira dorsal. Seis séries de escamas entre a linha lateral e a parte com espinhos da nadadeira dorsal. Nadadeira dorsal com 12 espinhos e 15 a 17 raios. 21 a 27 rastros, inclusive rudimentos, no primeiro arco branquial. Estrias escuras, azuladas em vida, obliquas e irregulares que se estendem da ponta do focinho a parte posterior da cabeça. Estas estrias praticamente se continuam pelo corpo, mas de forma interrompida, pois resultam da existência de pequenas manchas escuras restritas ao centro de cada escama.

As estrias da cabeça são muito mais nítidas e contrastam com as estrias do resto do corpo. Atrás da margem livre do préopérculo existe uma pequena mancha negra alongada. Juvenis apresentam mancha arredondada escura na base da cauda.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Do Sudeste dos Estados Unidos (Baía de Chesapeake) até o sudeste do Brasil. Fundos rochosos e coralinos, mas também ocorrem em fundos de areia, águas rasas com menos de 10 metros de profundidade. Lote testemunho: UESPIPHB 488.

HAEMULIDAE

Haemulon parra
(Dermarest, 1823)

Cambuba



Descrição. Corpo fusiforme; boca terminal; borda do pré-opérculo serrilhada. Presença de escamas que recobrem os infra-orbitais localizados entre a boca e o olho; primeira nadadeira dorsal com 11 a 12 espinhos; segunda nadadeira dorsal com um espinho mais 16 a 18 raios moles ramificados; Nadadeira anal com três espinhos mais 8 raios moles ramificados; nadadeira peitoral com 17 raios; escamas recobrem mais de um terço do comprimento das nadadeiras dorsal, anal e peitoral; pélvica imediatamente atrás da peitoral; coloração do corpo prateada, mas escamas com mancha marrom no seu centro. Nadadeiras escurecidas, levemente marrons e acinzentadas.

Literatura recomendada: Menezes e Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat: Atlântico ocidental, da Flórida até São Paulo. Espécie costeira, capturada com maior frequência pela rede de emalhar, entre profundidades de 5 e 50 m. UESPIPHB 377.

Tamanho médio na literatura consultada. 25 cm.

Tamanho máximo encontrado. 40 cm.

Capturado em linha e rede de emalhar.

HAEMULIDAE

Orthopristis ruber
(Cuvier, 1830)

Coró



2 cm

Descrição. Boca terminal e pequena. Focinho cônico, maior que o diâmetro orbital. Extremidade posterior do maxilar apenas alcançando a vertical que passa pela margem anterior da órbita. Pré-opérculo apenas finamente serreado. Corpo alongado, alto, maior altura contida 2,5 a 3 vezes no comprimento padrão. Perfil dorsal acentuadamente mais curvo que o ventral. Parte com espinhos da nadadeira dorsal contínua com a parte constituída por raios. Parte com raios da nadadeira dorsal e nadadeira anal apenas com uma bainha basal de escamas. Coloração geral castanho. Dorso acizentado, mais claro ventralmente. Pequenas máculas escuras a amarelas pelo corpo. Maior

concentração dessas manchas na cabeça, com exceção da parte superior. No troncos pontos distribuem-se ao longo das séries de escamas, formando estrias oblíquas no dorso e horizontais abaixo da linha lateral.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e hábitat. Do Caribe ao sul do Brasil. Tipicamente costeiro até águas com profundidade entre 10 e 210m. Lote testemunho: UESPIPHB 471.

Tamanho máximo na literatura consultada. 40 cm.

Tamanho máximo encontrado. 20 cm.

HAEMULIDAE

Pomadasis corvinaeformis
(Steindachner, 1802)

Canaro



Descrição. Corpo fusiforme; boca terminal; borda do pré-opérculo serrilhada sem espinho engrandecido; perfil dorsal acentuadamente mais curvo que o ventral, região anterior (da ponta do focinho à origem da nadadeira dorsal) regularmente convexa; extremidade posterior do maxilar atingindo a vertical que passa pela margem anterior da órbita; nadadeira dorsal com 12 espinhos ; segunda nadadeira dorsal com 13 a 15 raios moles ramificados; escamas nas membranas entre os raios da nadadeira dorsal; pélvica imediatamente atrás da peitoral; nadadeira anal com três espinhos mais 7 raios moles ramificados; 10 fileiras de escamas abaixo da linha lateral; coloração do corpo prateada, 6 faixas escuras laterais verticais de tonalidade fraca.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e hábitat: Atlântico ocidental, da Flórida até o sudeste do Brasil. Espécie comum na região litorânea do estuário. Aparece com frequência em arrastões de praia. Lote testemunho: UESPIPHB 419.

Tamanho máximo na literatura consultada. 25 cm.

Tamanho máximo na literatura consultada. 16,5 cm.

Importância comercial. Baixa.

SPARIDAE

Archosargus probatocephalus
(Walbaum, 1792)

Sargo-de-dente



2 cm

Descrição. Corpo ovalado, alto e moderadamente comprimido; cabeça grande, boca pequena, a extremidade posterior do maxilar nunca ultrapassando o centro do olho; margem do pré-opérculo lisa. Um espinho pequeno anterior à origem da nadadeira dorsal, voltado para frente, um pouco oculto por pele. Nadadeira dorsal com 11 a 12 espinhos e 11 a 13 raios. Nadadeira anal com três espinhos e 10 a 11 raios e nadadeira peitoral com 14 raios. Corpo com seis a sete faixas verticais escuras largas e bem evidentes.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Ocorre no Atlântico Ocidental, da Nova Escócia (Canadá) até a região sudeste do Brasil. Habitats costeiros, em águas salobras até 30 m de profundidade. Lote testemunho: UESPIPHB 393.

Espécie classificada como quase ameaçada pela União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN) em 2015

SPARIDAE

Archosargus rhomboidalis
(Linnaeus, 1758)

Salema



Descrição. Corpo ovalado, alto e moderadamente comprimido; cabeça grande, boca pequena, a extremidade posterior do maxilar nunca ultrapassando o centro do olho; margem do pré-opérculo lisa. Um espinho pequeno anterior à origem da nadadeira dorsal, voltado para frente, um pouco oculto por pele. Nadadeira dorsal com 13 espinhos e 10 a 11 raios. Nadadeira anal com três espinhos e 10 a 11 raios e nadadeira peitoral com 14 raios. Possui mancha negra arredondada lateral bem evidente situada junto à origem da linha lateral. Corpo possui estrias verticais estreitas, melhor evidentes em exemplares jovens com seis a sete faixas.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Distribui-se no Atlântico Ocidental, de Nova Jérsei (EUA) até o Rio de Janeiro, incluindo o leste do Golfo do México e o Mar do Caribe. Espécie costeira, preferindo águas sobre fundos de areia ou lama, nos estuários e ocasionalmente em regiões de coral e pedra. Lote testemunho: UESPIPHB 384.

Tamanho máximo na literatura consultada. 35 cm.

Tamanho máximo encontrado. 15 cm.

SPARIDAE

Calamus penna
(Valenciennes, 1830)

Peixe-pena



Descrição. Corpo ovalado, alto e moderadamente comprimido; cabeça grande, boca pequena, a extremidade posterior do maxilar nunca ultrapassando o centro do olho; margem do pré-opérculo lisa. 45 a 49 escamas na linha lateral e geralmente 15 ou 16 raios na nadadeira peitoral. Nadadeira anal com três espinhos e 10 raios. Coloração prateada com manchas e sete faixas transversais escuras, indistintas e esparsas estrias finas longitudinais pouco nítidas. Faixa escura transversal que se estende da margem inferior do olho até parte ventral da cabeça. parte superior da base da nadadeira peitoral com uma mancha escura pequena. Nadadeiras

claras, com alguma pigmentação escura esparsa.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição e habitat. Ocorre da Flórida (EUA) até o sudeste do Brasil. Até 90 m de profundidade. Lote testemunho: UESPIPHB 378.

Tamanho máximo na literatura consultada. 90 cm.

Tamanho máximo encontrado. 18 cm.

POLYNEMIDE

Polydactylus virginicus
(Linnaeus, 1758)

Barbudo



Descrição. Corpo comprimido e alongado; boca inferior, o focinho muito mais longo que a mandíbula com ponta arredondada; margem posterior do maxilar truncada; margem posterior do préopérculo serreada. Nadadeira dorsal anterior com oito espinhos flexíveis; nadadeira dorsal posterior com 11 a 13 raios; nadadeira peitoral com 15 raios superiores e sete raios inferiores livres e filamentosos formando a «barba». Nadadeiras pélvicas situadas atrás das peitorais, em posição abdominal. Nadadeira anal com três espinhos e 12 a 14 raios. Nadadeira caudal bifurcada. Coloração cinza prateado, ligeiramente mais escuro no dorso; nadadeiras pálidas, peitoral e pélvica com área escurano centro; juvenis cor de areia.

Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (1980).

Distribuição. Ocorre desde a Flórida (EUA) e Bahamas até a Argentina.

Hábitat. Comum em áreas estuarinas salobras e ao redor de lagoas hipersalinas, sobre fundos lodosos. Lote testemunho: UESPIPHB 429.

Tamanho máximo na literatura consultada. 32 cm.

Tamanho máximo encontrado. 20,5 cm

SCIAENIDAE

Bairdiella ronchus
(Cuvier, 1830)

Curucaia-de-esporão



Descrição. Dentes cônicos e pequenos dispostos em uma faixa estreita em no pré-maxilar e mandíbula. Pré-opérculo serrado, espinhos do ângulo mais fortes que os demais. Nadadeira dorsal anterior com 10 a 11 espinhos, posterior com 1 espinho e 20 a 26 raios; anal com 2 espinhos e 7 a 9 raios, segundo espinho muito forte e desenvolvido. primeiro arco branquial com 21 a 27 rastros. Cor acizentada na parte superior do corpo e prateada inferiormente; estrias escuras pouco nítidas presentes nos lados do corpo, oblíquas na parte superior

e mais ou menos paralelas abaixo da linha lateral; nadadeiras dorsal e caudal com a parte terminal enegrecida; parte anterior da anal com intensa pigmentação escura; dorsal posterior e pélvicas claras.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e habitat. Distribui-se do Caribe ao sul do Brasil (Santa Catarina). Ocorre de preferência em águas costeiras. Lote testemunho: UESPIPHB 465.

SCIAENIDAE

Cynoscion acoupa
(Lacepède, 1801)

Pescada-amarela



Descrição. Corpo fusiforme; boca terminal; 18 rastros no primeiro arco branquial; corpo recoberto por escamas; primeira dorsal com 10 espinhos, segunda com um espinho e 17 a 22 raios; nadadeira pélvica logo após a peitoral; nadadeira anal curta com dois espinhos e 7 a 8 raios; caudal pontuda ou romboidal; coloração do corpo prateada, acinzentada no dorso; nadadeiras peitorais, pélvicas e anal claras e amareladas, dorsal e caudal escuras, com pigmentação escura mais intensa em suas partes distais.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e habitat: Ocorre do Panamá até a Argentina em áreas costeiras, lagoas estuarinas, incluindo regiões de mangue, e baías abertas às vezes encontrada em água doce. Lote testemunho: UESPIPHB 432.

Importância comercial. Alta

Tamanho máximo na literatura. Alcança pouco mais de 1 m de comprimento e 100kg de peso.

Tamanho máximo encontrado. 50 cm.

Métodos de pesca na região. Capturada pela rede de emalhar em profundidade de 10 a 30 m.

SCIAENIDAE

Cynoscion leiarchus
(Cuvier, 1823)

Pescada-branca



Descrição. Corpo fusiforme; boca terminal; 18 rastos no primeiro arco branquial; corpo recoberto por escamas pequenas; primeira dorsal com 10 espinhos, segunda com um espinho e 23 raios; nadadeira pélvica logo após a peitoral; nadadeira anal curta com dois espinhos e 10 a 12 raios; caudal pouco pontuda; coloração do corpo prateada, acinzentada no dorso; nadadeiras peitorais, pélvicas e anal claras; dorsal anterior escura, a parte posterior mais clara, com a margem enegrecida; caudal escura, com pigmentação escura mais intensa em suas partes distais.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Observação: Também chamada de perna-de-moça pelos pescadores do estuário.

Distribuição e habitat: Atlântico ocidental do Panamá ao sudeste do Brasil. Ocorre principalmente em águas estuarinas, sobre fundos de lama e areia, mas pode ser encontrada também no ambiente marinho, em profundidade de até 50m. Lote testemunho: UESPIPHB 379.

Tamanho máximo na literatura consultada. 60 cm de comprimento e 2 a 2,5 quilos de peso.

Tamanho máximo encontrado. 27 cm .

SCIAENIDAE

Cynoscion microlepidotus
(Cuvier, 1823)

Pescada-dentuça



Descrição. Corpo fusiforme; boca grande e superior; mandíbula superior com dentes grandes caninos; escamas pequenas, ciclóides, podendo apresentar 140 ou mais escamas na linha lateral; primeira dorsal com 10 espinhos e segunda com 1 espinho e 22 a 25 raios; nadadeira pélvica logo após a peitoral; nadadeira anal curta com 2 espinhos e 8 a 10 raios; nadadeira caudal romboidal; coloração prata levemente esverdeada no dorso e prata nos lados e no ventre; ponta da primeira dorsal enegrecida; nadadeiras dorsais, peitorais, pélvicas e anal pouco amareladas; nadadeira caudal escurecida.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e habitat. Atlântico ocidental, do Golfo da Venezuela ao sudeste do Brasil. Espécie encontrada mais comumente em fundos de areia e lama. Lote testemunho: UESPIPHB 433.

Importância comercial. Média.

Tamanho máximo na literatura consultada. 100 cm.

Tamanho máximo encontrado. 34,5 cm.

SCIAENIDAE

Isopisthus parvipinnis
(Cuvier, 1830)

Pescada-gó



Descrição. Corpo fusiforme; boca terminal. Nadadeira dorsal anterior com 7 a 8 espinhos, bem separada da posterior, que tem um espinho e 18 a 22 raios; nadadeira anal com dois espinhos 16 a 20 raios; nadadeira caudal truncada em exemplares adultos. Rastros branquiais moderadamente longos, 2 a 9 nos primeiros arcos branquiais. Escamas ciclóides. Corpo acizentado a prateado, mais escuro na parte dorsal; nadadeiras claras; uma mancha escura difusa na base da nadadeira peitoral.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e habitat: Atlântico ocidental, da Costa Rica até Santa Catarina. Encontrada geralmente sobre fundos de areia e lama, em águas costeiras de pouca profundidade (50 m) e também em regiões estuarinas. Após lote testemunho: UESPIPHB 435.

Biologia. Alimenta-se principalmente de pequenos camarões.

Tamanho máximo na literatura. 25 cm

Tamanho máximo encontrado. 18 cm.

SCIAENIDAE

Larimus breviceps
Cuvier, 1830

Bocarra



Descrição. Porte robusto; perfil alto até pouco atrás da cabeça, depois afinando rapidamente até a cauda; boca muito grande e quase vertical, sem dentes caninos; mandíbula sem barbilhões. Nadadeira dorsal anterior com 10 espinhos, posterior com um espinho e 26 a 29 raios; anal com dois espinhos e seis a sete raios; nadadeira caudal romboidal; rastros branquiais longos e numerosos, 28 a 33 no primeiro arco branquial. Escamas relativamente grandes, ctenoides no corpo e no topo da cabeça e cicloides nos lados da cabeça. Prateado, um pouco mais escuro superiormente; nadadeiras pélvicas e anal. amareladas, dorsal e peitorais claras com alguma pigmentação escura; uma mancha escura

na base das nadadeiras peitorais.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e habitat: Das Antilhas e Costa Rica até o Litoral de Santa Catarina. Encontrada em águas litorâneas, geralmente em profundidades inferiores a 50 m, sobre fundos de lama e areia. Ocorre em estuários. Lote testemunho: UESPIPHB 477.

Tamanho máximo na literatura consultada. 30 cm.

Tamanho máximo encontrado. 23,5 cm

SCIAENIDAE

Micropogonias furnieri
(Desmarest, 1823)

Curuca



Descrição. Corpo fusiforme; boca protrátil; margem do pré-opérculo serrilhado; corpo recoberto por escamas ctenoides no corpo e topo da cabeça, ciclóides no rostro, parte lateral da cabeça e opérculo; primeira dorsal com 10 espinhos, segunda com um espinho e 26 raios; nadadeira pélvica logo após a peitoral; caudal ligeiramente pontuda; coloração do corpo prateada a marrom, mais escuro no dorso; estrias dorsais oblíquas e escuras acompanhando as séries de escamas até um pouco abaixo da linha lateral; nadadeiras dorsal anterior e caudal com margem negra, as demais nadadeiras claras com pigmentação esparsa.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e hábitat: Atlântico ocidental, do Caribe até a Argentina. Espécie costeira, encontrada em fundos de lama e areia, mais comumente em profundidades inferiores a 60 m. Ocorrem em estuários, ambiente utilizado pelos juvenis para alimentação e crescimento. Lote testemunho: UESPIPHB 380.

Biologia. Alimentam-se de organismos de fundo, principalmente anelídeos, crustáceos e pequenos peixes.

Tamanho máximo na literatura. 60 cm

Tamanho máximo encontrado. 27 cm.

Importância comercial. Média

SCIAENIDAE

Menticirrhus americanus
(Linnaeus, 1758)

Judeu

Descrição. Corpo fusiforme; boca inferior; corpo recoberto por escamasstenóides; nadadeira dorsal anterior 10 a 11 espinhos, posterior com um espinho e 22 a 26 raios; anal com 1 espinho e 6 a 8 raios; margem posterior da nadadeira caudal em forma de S, o lobo inferior geralmente um pouco mais longo que o superior; coloração geral do corpo cinza-prateada com manchas escuras alongadas e oblíquas, às vezes pouco nítidas; parte inferior esbranquiçada; nadadeiras peitorais escuras; pélvicas, anal e dorsal posterior claras, com pigmentação escura esparsa; dorsal anterior com a parte superior enegrecida; caudal com a margem terminal enegrecida.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e habitat: Atlântico ocidental do cabo de Cod até a Argentina. Encontrada geralmente sobre fundos de areia e lama, em águas costeiras de pouca profundidade e também em regiões estuarinas. Lote testemunho: UESPIPHB 442.

Tamanho máximo na literatura: Alcança cerca de 50 cm de comprimento.

Tamanho máximo encontrado: Maior exemplar examinado possui aproximadamente 25 cm.

Observação: Também chamado de papa-terra, betara.

SCIAENIDAE

Stellifer brasiliensis
(Schultz, 1945)

Curucaia-de-esporão



Descrição. Corpo fusiforme; boca subterminal, quase ventral, o focinho mais saliente que a maxila superior, estando a boca fechada; nadadeira dorsal anterior com 10 espinhos, posterior com 1 espinho e 20 a 22 raios; anal com 2 espinhos e 9 raios; nadadeira caudal romboidal; primeiro raio das nadadeiras pélvicas prolongado em filamento; corpo prateado nos lados e inferiormente, castanho-claro a escuro superiormente, com estrias escuras laterais pouco nítidas ao longo das séries longitudinais de escamas; nadadeiras peitorais e pélvicas predominantemente claras e levemente alaranjadas com alguma pigmentação escura; nadadeiras dorsal, anal e caudal predominantemente escuras.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (1980).

Distribuição e habitat. Distribuição restrita a costa nordeste e sudeste do Brasil. Ocorre em fundos de areia ou lama, mais comumente em áreas estuarinas, onde exemplares jovens são encontrados em grande número. Lote testemunho: UESPIPHB 465.

Observação: Menezes et al (2003) assinala essa espécie para Atlântico sul ocidental da Bahia até Santos.

Tamanho máximo na literatura consultada.
18 cm

Tamanho máximo encontrado. 23 cm

EPHIPPIDAE

Chaetopdipterus faber
(Broussonet, 1782)

Parum



Descrição. Corpo alto e arredondado e muito comprimido lateralmente. Boca pequena, maxilar termina antes do olho. Nadadeira dorsal anterior com 9 espinhos, posterior com 21 a 23 raios. Nadadeira anal com três espinhos e 18 a 19 raios; caudal e marginada. Lóbulos das nadadeiras dorsal posterior e anal prolongados posteriormente. Linha lateral com 46 a 49 escamas. Cor cinza-pérola com barras verticais, esmaecidas nos adultos e bem nítidas nos juvenis.

Literatura recomendada: Menezes e Figueiredo (1985).

Distribuição e hábitos. De Massachussets (EUA) ao Rio Grande do Sul. Em águas costeiras rasas de até 40m, próximo a costões, em baías, estuários, mangues e rios costeiros e sobre fundos de areia e cascalho. Lote testemunho: UESPIPHB 381.

Pouca importância comercial.

SPHYRAENIDAE

Sphyraena barracuda
(Walbaum, 1792)

Barracuda

Descrição. Corpo alongado e cabeça grande; boca grande, superior, maxilar ultrapassa a margem anterior do olho e apresenta dentes caninos evidentes. Primeira nadadeira dorsal com cinco espinhos e a segunda com um espinho e nove raios. Nadadeira anal com dois espinhos e de sete a oito raios e nadadeira peitoral com 13 raios. Corpo escuro superiormente, prateado nos lados e esbranquiçado no ventre; parte lateral póstero-inferior com manchas escuras pequenas esparsas.

Literatura recomendada: Menezes e Figueiredo (1985).

Distribuição. Possui ampla distribuição. No Atlântico ocidental estende-se de Massachusetts, ao sul do Brasil.

Hábito. Juvenis vivem em águas costeiras de pouca profundidade, às vezes formando cardumes e alimentando-se principalmente de pequenos peixes. Adultos são predadores solitários em águas afastadas em áreas de recifes. Lote testemunho: UESPIPHB 446.

Reprodução. Desova parece ocorrer em alto mar, pois estádios larvais e pós-larvais tem sido coletados com frequência em águas abertas.

Observação: Também chamado de feijão pela comunidade de pescadores do estuário.

Tamanho máximo encontrado na literatura: 3 m.

Tamanho máximo encontrado. 37 cm

TRICHIURIDAE

Trichiurus lepturus
(Linnaeus, 1758)

Espada



Descrição. Corpo alongado, bastante comprimido lateralmente apresentando um formato inconfundível e muito similar a uma espada ou um cinto. Boca grande, superior, cônica e provida de dentes caniniformes poderosos. Nadadeira dorsal longa e notória. Nadadeira anal baixíssima e indistinta. Não possui nadadeiras pélvicas nem caudal. Apresenta coloração prateada brilhante. Cabeça com áreas marrons e reflexos dourados. Dorsal cinza-prateado. Filamento posterior negro.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (2000).

Distribuição. Distribui-se de Massachusetts

(EUA) até a Argentina no Atlântico ocidental. **Hábitos.** São pelágicos e ocorrem nas encostas da plataforma continental, em profundidades de até 100m. Noturnos e gregários. São encontrados em águas estuarinas pouco profundas. Juvenis são bentônicos, em águas rasas. Alimentam-se de crustáceos e peixes. Lote testemunho: UESPIPHB 382.

Tamanho máximo na literatura consultada. 200 cm.

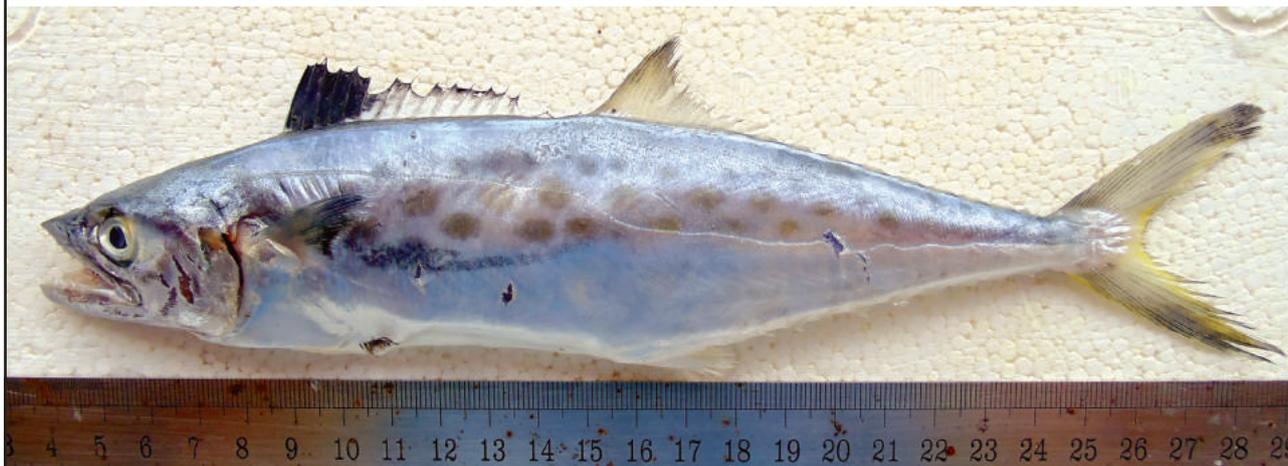
Tamanho máximo encontrado. 85,0 cm.

Importância comercial. Baixa.

SCOMBRIDAE

Scomberomorus brasiliensis
Collete, Russo & Zavala, 1978

Serra



Descrição. Corpo alongado, fusiforme e lateralmente comprimido. Focinho cônico ou pontudo. Maxilas pontiagudas, região posterior das maxila superior exposta. Corpo coberto por pequenas escamas. Primeira dorsal com 17 a 19 espinhos, seguida com 15 a 19 raios e 8 a 10 pínulas. Nadadeira anal com 16 a 20 raios e 8 a 10 pínulas. Região lateral do corpo com manchas cor de bronze. Região lateral do corpo com 30 a 60 manchas arredondadas arranjadas em 2 a 4 fileiras longitudinais, mas sem estrias. Mancha negra na primeira dorsal. Nadadeira peitoral escura. Nadadeiras pélvicas e anal claras.

Literatura recomendada: Figueiredo & Menezes (2000).

Distribuição: Ocorre desde a América Central até o sul do Rio Grande do Sul.

Hábitos. São costeiros e habitam águas superficiais. Lote testemunho: UESPIPHB 455.

Tamanho máximo na literatura consultada. 96 cm.

Tamanho máximo encontrado. 25,0 cm.

Importância comercial. Alta.

Forma de captura. Rede de emalhar e linha de mão.

STROMATEIDAE

Peprilus paru Linnaeus, 1758

Gostoso



Descrição. Corpo alto elíptico, alto e comprimido lateralmente. Focinho obtuso, curto, com boca pequena, oblíqua. Olho envolvido por tecido adiposo. Nadadeira pélvica ausente. Dorsal e anal longas e similares. Região anterior prolongada em lóbulos falcados. Nadadeira peitoral longa e pontuda. Nadadeira caudal furcada. Dorso azul-cizento a azul-cobalto. resto do corpo branco prateado; margens das nadadeiras

escurcidas. Nadadeiras peitoral e caudal são pálidas

Distribuição: Atlântico ocidental de New York, Estados Unidos , até a Argentina. Lote testemunho: UESPIPHB 383.

Tamanho máximo na literatura consultada. 30 cm.

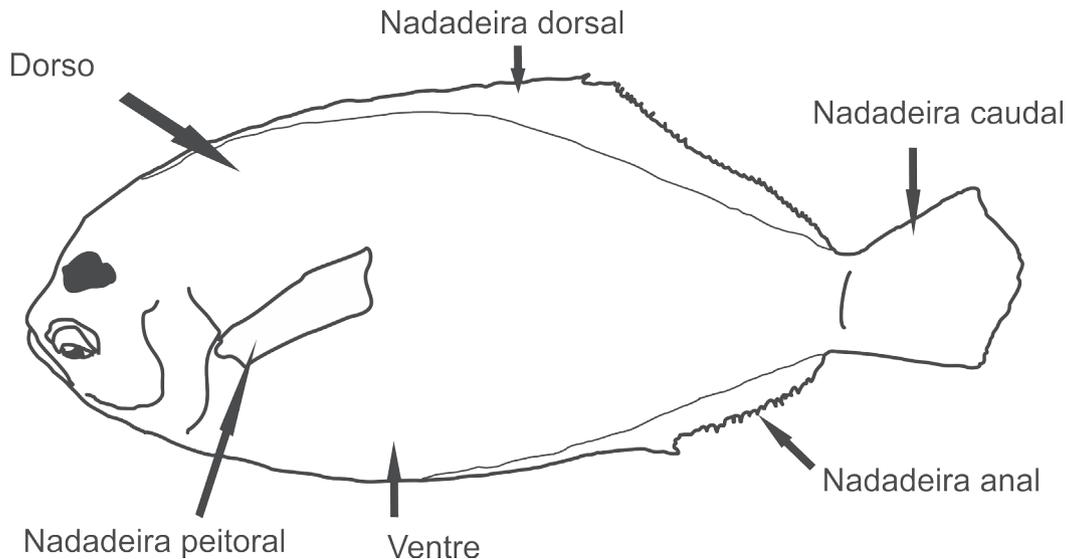
ORDEM PLEURONECTIFORMES

Peixes como os linguados e as soias estão inclusos nessa ordem. Adultos não possuem simetria bilateral em função de que um olho migra de um lado do crânio para o outro logo no início da vida do peixe. Portanto há um lado ocular e outro cego que varia conforme a família. Essa migração do olho está acompanhada por modificações complexas no esqueleto da cabeça e comportamentais. O corpo é achatado e os adultos nadam com o lado ocular para cima, e repousam sobre o lado cego, muitas vezes se enterrando no substrato arenoso. São carnívoros. Apresentam extremo alongamento das nadadeiras

dorsal e anal e a capacidade de controlar a pigmentação do lado ocular para se camuflar com o fundo. Outra característica relacionada ao hábito bentônico é a perda da bexiga natatória.

Muitas espécies são comercialmente importantes e servem como fonte de alimento.

No estuário foram identificadas duas espécies, *Citharichthys spilopterus* (Gunther, 1862) e *Syacium micrurum* Ranzani, 1840, pertencentes a mesma família, Paralichthyidae, caracterizada por apresentar olhos do lado esquerdo do corpo.



PARALICHTHYDAE

Citharichthys spilopterus
(Gunther, 1862)

Linguado



Descrição. Corpo alongado. Perfil superior da cabeça levemente côncavo, sem entalhe pronunciado em frente ao olho superior. nadadeira dorsal com 75 a 84 raios, começando pouco à frente do nível dos olhos; anal com 56 a 63 raios; nadadeiras peitorais nos dois lados; nadadeiras pélvicas raiada e muitas estreitas na base do que na ponta. Primeiro arco branquial com 13 a 20 rastros. Cor marrom-clara. Nadadeiras dorsal, caudal e anal com pequenas manchas escuras, as maiores regularmente espaçadas.

Distribuição. Distribui-se de New Jersey (EUA) até a Lagoa dos Patos no Rio Grande do Sul.

Hábitos. De fundo, em águas marinhas e estuarinas de salinidade variada, sobre substrato lodoso e arenoso-lodoso, da orla até uns 75m de profundidade. Predador de peixes e pequenos invertebrados. Lote testemunho: UESPIPHB 472.

Tamanho máximo na literatura consultada. 20 cm.

Tamanho máximo encontrado. 23,5 cm.

ORDEM TETRAODONTIFORMES

Este grupo engloba 10 famílias de peixes marinhos, estuarinos e de água doce. Alguns são habitantes de recifes de coral. Tetraodontiformes apresentam uma série de modificações evolutivas: perda de vários ossos cranianos, dentição peculiar modificada para durofagia, redução das aberturas branquiais, linha lateral variando de múltipla a inexistente, redução ou perda das nadadeiras pélvicas, escamas modificadas em espinhos, placas ou escudos.

Tetraodontiformes apresentam a habilidade de produzir som ao triturar com a mandíbula, ou com os dentes faríngeos ou por vibrar a bexiga natatória.

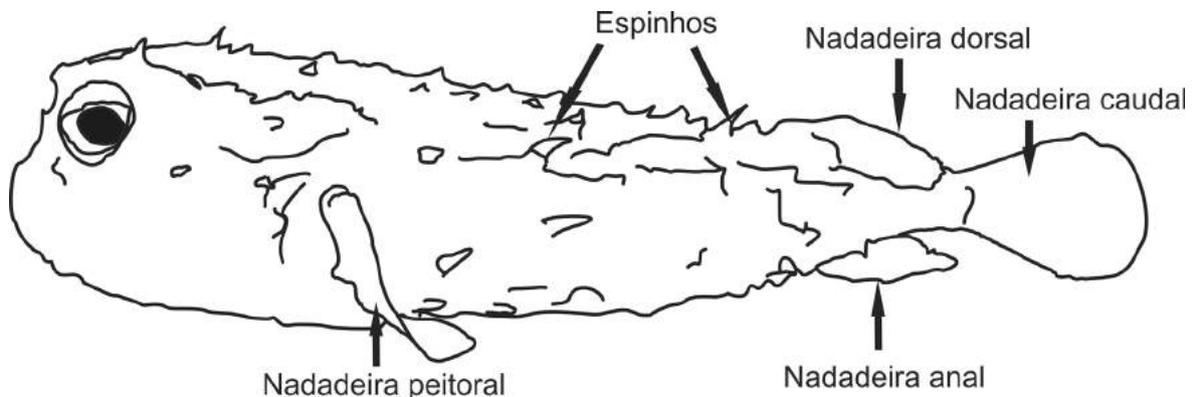
Duas das três famílias que ocorrem na região estudada possuem a propriedade de inflar o estômago altamente modificado ao engolir água ou ar para uma câmara ou

divertículo nele situado.

Ao inflar o estômago o corpo aparentará ser muito maior do que de fato é, o que permitirá afugentar possíveis predadores. Esse comportamento é realizado quando o baiacu é irritado ou assustado.

Diodontídeos possuem o corpo coberto por espinhos e uma só placa de dentes na maxila e na mandíbula. Tetraodontídeos não possuem espinhos, mas tem duas placas de dentes na maxila e na mandíbula.

Foram identificadas cinco espécies de Tetraodontiformes: *Colomesus psittacus* (Bloch & Schneider, 1801), *Lagocephalus laevigatus* (Linnaeus, 1766), *Sphoeroides testudineus* (Linnaeus, 1758), *Chilomycterus antillarum* Jordan & Rutter, 1897 e *Cantherhines macrocerus* (Hollard, 1855) sp.



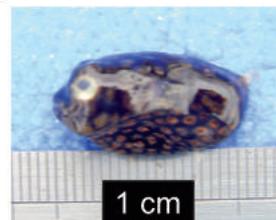
DIODONTIDAE

Chilomycterus antillarum
(Jordan & Rutter, 1897)

Baiacu-graviola



2 cm



1 cm

Descrição. Corpo globoso, recoberto por espinhos. Nadadeira dorsal com 11 a 13 raios; anal com 10 a 12 raios. Corpo esbranquiçado, com manchas escuras; uma barra clara embaixo dos olhos. Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (2000).

Distribuição. Ocorre desde o sudeste da Flórida (EUA) até o nordeste brasileiro.

Hábitos. Peixes essencialmente coralinos que também ocorrem entre as macrófitas

marinhas ou em áreas lamosas. Os adultos ficam perto da costa e são demersais; os juvenis são pelágicos. Lote testemunho: UESPIPHB 491.

Tamanho máximo na literatura consultada. 25 cm.

Tamanho máximo encontrado. 32 cm

Utilização pelo homem. Não é consumido; em outras partes, é apreciado como peixe ornamental.

TETRAODONTIDAE

Lagocephalus laevigatus
(Linnaeus, 1766)

Baiacu-xaréu



Descrição. Corpo alongado, olhos grandes. Nadadeira dorsal com 13 a 14 raios, na metade posterior do corpo nadadeira anal com 12 a 13 raios; com a margem posterior côncava. Corpo superiormente escuro, prateado-esverdeado; cinco a seis faixas escuras dorsais irregulares nadadeiras com pigmentação escura esparsa, a caudal mais intensamente pigmentada, com exceção de sua parte distal. Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (2000).

Distribuição. Ocorre tanto no Atlântico oriental como no ocidental; neste, estende-se da Nova Inglaterra à Argentina.

Hábitos. Demersal: habita ambientes mais costeiros e um pouco mais profundas que as outras espécies, até cerca de 60m de profundidade. Adultos pelágicos, ocorrendo perto da costa; juvenis na costa ou em mar aberto. Solitário ou formando pequenos cardumes. São predadores vorazes que atacam peixes e invertebrados com muito vigor. Lote testemunho: UESPIPHB 497.

Tamanho máximo na literatura consultada. 60 cm.

Tamanho máximo encontrado. 16 cm.

TETRAODONTIDAE

Sphoeroides testudineus
(Linnaeus, 1758)

Baiacu

Descrição. Corpo moderadamente alongado. Padrão de colorido da região dorsal com linhas claras isolando manchas escuras de formatos diversos; lateralmente aparecem manchas negras arredondadas de tamanho variados e geralmente existe uma ou duas estrias brancas transversais na região interorbital; nadadeira caudal escura distalmente, clara anteriormente, com uma estria escura indistinta na parte basal; demais nadadeiras claras; Projeções espinhosas normalmente imbutidas na pele, sendo visíveis apenas os orifícios por onde os acúleos se exteriorizam. Literatura recomendada: Menezes & Figueiredo (2000).

Distribuição. Distribui-se de Nova Jersey até o Estado de Santa Catarina

Hábitos. Restrito a águas superficiais, em zonas de águas salobras ou hipersalinas, sobre fundos arenosos e lodosos, e em manguezais. Aparentemente se alimenta de organismos bentônicos. Lote testemunho: UESPIPHB 504.

Tamanho máximo na literatura consultada. 30 cm.

Tamanho máximo encontrado. 21,7 cm

Utilização pelo homem. Espécie tóxica, porém é consumida pelos pescadores do estuário.

Observação: Também é chamado de cuquim pintado

Outras Espécies Encontradas no Estuário

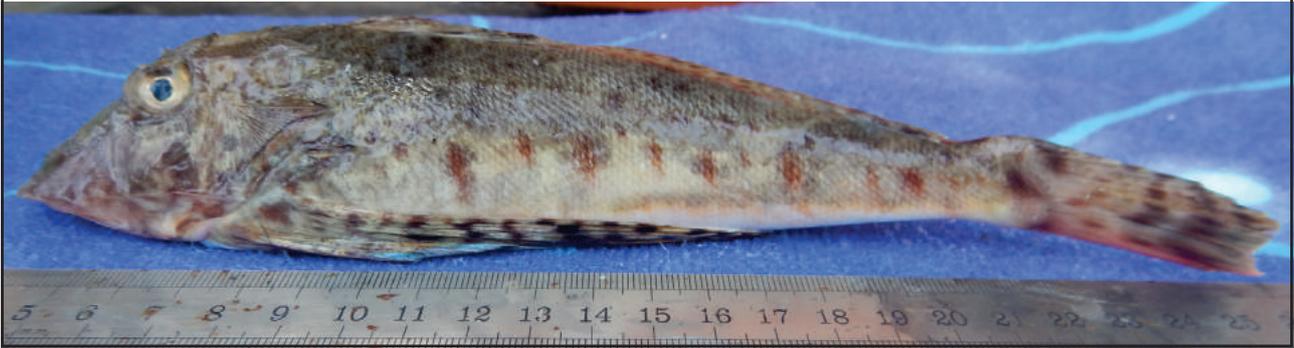
URANOSCOPIDAE	<i>Astroscopus ygraecum</i> (Cuvier, 1829)	Anequim
		

GOBIIDAE	<i>Gobionellus oceanicus</i> (Pallas, 1770)	Boca-de-ouro
		

TRIGLIDAE

Prionotus punctatus
(Bloch, 1797)

Voador



BALISTIDAE

Cantherhines macrocerus
(Hollard, 1855)

Cangolo



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adams, A., Guindon, K., Horodysky, A. MacDonald, T., McBride, R. Shenker, J. & Ward. 2012. *Megalops atlanticus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2012: e. T191823A2006676. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2012.RLTS.T191823A2006676.en>
- Bemvenuti, M. de A. & Fischer, L.G. 2010. Peixes: Morfologia e Adaptações. Cadernos de Ecologia Aquática. 5 (2) :31-54.
- Betancur-R., Broughton, R.E., Wiley, E.O., Carpenter, K., López, J.A., Li, C., Holcroft, N.I., Arcila, D., Sanciangco, M., Cureton II, J.C., Zhang, F., Buser, T., Campbell, M.A., Ballesteros, J.A., Roa-Varon, A., Willis, S., Borden, W.C., Rowley, T., Reneau, P.C., Hough, D.J., Lu, G. Grande, T., Arratia, G.; Ortí, G. 2013. The Tree of Life and a New Classification of Bony Fishes. *Plos currents*
- Carpenter, K.E. 2002. The living marine resources of the Western Central Atlantic. In *FAO Species Identification Guide for Fishery Purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists*. FAO, Rome, v.2, part 1, Special publication, 5. p.601-1374.
- Eschmeyer, W. N. & J. D. Fong. *Species by Family / Subfamily*. (<http://research.calacademy.org/research/ichthyology/catalog/SpeciesByFamily.asp>). Versão Eletrônica acessada em 06 de novembro de 2015.
- Espírito-Santo, R.V., Isaac, V.J., Silva, L.M.A., Martinelli, J.M., Higuchi, H. & Paul, U.S. 2005. Peixes e camarões do litoral bragantino, Pará, Brasil. Belém: Programa Madam, Manejo e Dinâmica de Áreas de Manguezais. 1, p.1-268
- Figueiredo, J.L. & Menezes, N.A. 1978. Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. II. Teleostei (1). São Paulo, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. 110p.
- Figueiredo, J.L. & Menezes, N.A. 1980. Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. III. Teleostei (2). São Paulo, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. 90p.
- Figueiredo, J.L. & Menezes, N.A. 2000. Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. VI. Teleostei (5). São Paulo, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. 116p.
- Haedrich, R.L., 2003. Stromateidae. Butterfishes (harvestfishes). p. 1879-1884. In K.E. Carpenter (ed.) *FAO species identification guide for fishery purposes. The living marine resources of the Western Central Atlantic*. Vol. 3: Bony

fishes part 2 (Opisthognathidae to Molidae), sea turtles and marine mammals.

Lessa, R & Nóbrega, M.F. 2000. Guia de Identificação de Peixes Marinhos da Região Nordeste. Programa REVIZEE/SCORE-NE, p.1-138.

Mai, A.C.G., Silva, T.F.A., Legal, J. F. A. Assessment of the fish-weir fishery off the coast of Piauí State, Brazil. Arquivos Ciências do Mar, Fortaleza, 2012, 45(2): 40 - 48.

Marceniuk, A.P. 2005. Chave para identificação das espécies de bagres marinhos (Siluriformes, Ariidae) da Costa Brasileira. Boletim do Instituto de Pesca, São Paulo, 31(2): 89 - 101

Marceniuk, A.P. & Menezes, N.A. 2007. Systematics of the family Ariidae (Ostariophysi, Siluriformes), with a redefinition of the genera. Zootaxa 1416: 1–126.

Marceniuk, A.P., Caires, R. A., Wosiacki, W. B. & DI DARIO, F. 2013. Conhecimento e conservação dos peixes marinhos e estuarinos (Chondrichthyes e Teleostei) da costa norte do Brasil. Biota Neotropica, vol. 13, no. 4.

Menezes, N.A. & Figueiredo, J.L. 1980. Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. IV. Teleostei (3). São Paulo, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. 96p.

Menezes, N.A. & Figueiredo, J.L. 1985. Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. V. Teleostei (4). São Paulo, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. 105p.

Menezes, N. Nirchio, M. & Oliveira, C. 2015. Siccharamirez. 2015. Taxonomic review of the species of *Mugil* (Teleostei: Perciformes: Mugilidae) from the Atlantic South Caribbean and South America, with integration of morphological, cytogenetic and molecular data. Zootaxa 3918 (1): 001–038.

Moura, R. L. & Lindeman, K. C. 2007. A new species of snapper (Perciformes: Lutjanidae) from Brazil, with comments on the distribution of *Lutjanus griseus* and *L. apodus*. Zootaxa 1422: 31–43.

Nelson, J.S. 2006. Fishes of The World. John Wiley & Sons, Inc., Hoboken, New Jersey. 4th ed. 601 p.

Nóbrega, M.F., A.C.G. Mai e D. Loebmann. 2010. Peixes Marinhos Comerciais; pp. 136–181, in: A.C.G. Mai e D. Loebmann (eds.). Biodiversidade do Litoral do Piauí. Sorocaba: Paratodos Sorocaba.

Szpilman, M. 2000. Peixes Marinhos do Brasil - Guia Prático de Identificação. Marcelo Spzilman. Rio de Janeiro. 288p.

Projeto Pesca solidária

Coordenadores CIA

Geral

Leandro Inakake de Souza

Comunicação

Francisco Brandão

Financeiro

Mario Lucio de Moraes Damasceno

Socioambiental

Marcelo Apel

Pesquisa

Francinalda Maria Rodrigues da Rocha

Educação Ambiental

Ana Maria Brandão

Gerente de Mídias Sociais

Jailson Nunes Leocadio e
Ismael Cavalcante de Souza

Pesquisas

Qualidade de Água

Janaina Mitsue Kimpara, Laurindo A. Rodrigues, Alexandres Kemenes, Waldemir Queiroz (EMBRAPA) e Ruceline Paiva Melo Lins;

Ictiofauna

Cezar A. F. Fernandes, Francisca E. A. Cunha (UFPI), Filipe A. G. de Melo (UESPI), e Alitiene M. L. Pereira (EMBRAPA);

Monitoramento de Aves:

Alberto Campos e Jason Alan Mobley (Aquasis)

Peixe-boi

Liliana Oliveira Souza (CIA)

Diagnóstico e Monitoramento da Pesca

Rodrigo de Salles (IFCE) e Kesley Paiva da Silva (CIA)

Abundância de caranguejo-uçá:

João Marcos de Góes (UFPI)

Apoio Técnico

Ordenamento Pesqueiro

Heleno Francisco dos Santos,
Patrícia Passos Claro,
Neuza Maria Gonçalves e Silmara Erthal (ICMBio)

Geração de Emprego e Renda

Maria de Fátima Vieira Crespo, Rodrigo Alexandre de Lima, Ricardo Rayan Nascimento Rocha, Marcos Fernando Valverde.

Produção de Sistema

de Informação Geográfica

Ricardo Miguel de Paula Peres

Dezenas de espécies de peixes habitam o estuário dos rios Timonha e Ubatuba, entre os Estados do Piauí e Ceará, utilizando essa área para abrigo, alimentação, crescimento e reprodução. Muitas dessas espécies são de grande importância econômica, alimentar e ambiental para a região como as pescadas, bagres, tainhas e ciobas.

Este livro fornece um instrumento prático e acessível para a identificação e conhecimento da fauna de peixes que vive nessa região. Inclui fotos, descrições e informações sobre a biologia, ecologia e aspectos da pesca de 61 espécies.

